

LAET

PUBLICAÇÃO MENSAL CULTUANDO A MEMORIA DE CARLOS MAXIMILIANO PIMENTA DE LAET

ANNO I -- JUNHO DE 1928

N. 1



SUMMARIO

| | PGS. |
|--|------|
| In memoriam: Carlos de Laet-gravura.. | 3 |
| Laet.....A. Novaes | 5 |
| O adeus da Academia...Rodrigo Octavio | 8 |
| Junto ao tumulo.....Pedro do Coutto | 9 |
| Agliberto Xavier | 10 |
| No Senado Federal: | |
| A. Azeredo | 13 |
| Irineu Machado | 16 |
| Gilberto Amado | 23 |
| Antonio Massa | 25 |
| Na Camara Federal: | |
| Aarão Reis | 27 |
| Humberto de Campos | 29 |
| Augusto de Lima | 31 |
| H. Dodsworth | 32 |
| No Conselho Municipal..A. Pinto Lima | 34 |
| Carlos de Laet, o matador....Assis Cha- teaubriand | 35 |
| Carlos de Laet...Jackson de Figueiredo | 37 |
| O ultimo combate de Carlos de Laet — Mozart Monteiro | 40 |
| A obra de Carlos de Laet..Gonçalo Jorge | 42 |
| A Nota: Laet.....Benjamim Costallat | 44 |
| Carlos de Laet.....Joaquim de Salles | 45 |
| Um bronze para Carlos de Laet...Bene- venuto Berna | 49 |
| Florilegio Laetense..Pe. Thomás Fontes | 51 |
| Carlos de Laet...W. de Azevedo Franco | 53 |
| Na Academia..... | 56 |
| Justas homenagens.....Um observador parlamentar | 57 |
| Juizo da Imprensa..... | 59 |
| O ultimo artigo..... | 75 |
| Divisão nacional.....Carlos de Laet | 77 |

Jun 10 1928

gao. 1021036

LAET

PUBLICAÇÃO MENSAL
CULTUANDO A MEMORIA DE
CARLOS MAXIMILIANO PIMENTA DE LAET

ANNO I — JUNHO DE 1928 — N. 1

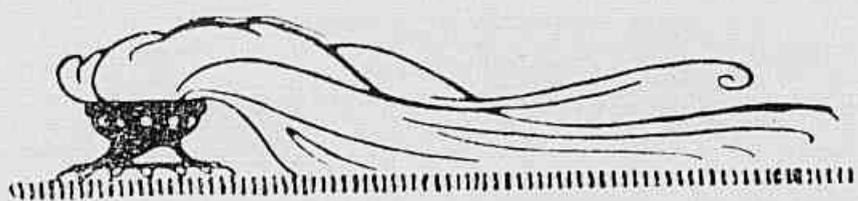
DIRECTOR E EDITOR: A. NOVAES

IN MEMORIAM



CARLOS DE LAET

LAET



AGENOR NOVAES

Devo ao Carlos Maximiliano Pimenta de Laet o meu amor á litteratura e á imprensa.

Mestre meu, no Collegio Diocesano de São José (1900—1903), mui me interessaram as suas lições de litteratura, menosprezando, porém, as suas aulas de sciencias mathematicas, que eu, graças ao logar onde me sentava, ao lado da sua meza sobre estrado, sem que elle observasse, me entretinha lendo o *Jornal do Brasil*, que o Mestre costumava deixar debaixo do seu quasi inseparavel chale collocado em cima da meza. Foi, pois, ouvindo-o a respeito dos vultos da litteratura, precisamente me recordando de que elle falava com entusiasmo sobre Savonarola; lendo os seus artigos na edição vespertina do *Jornal do Brasil*, que se fez o meu gosto pela litteratura e pela imprensa, esta — registando palavras do Mestre — “o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento”, e aquella “o mais aprazivel dos estudos humanitarios”, habilitando-me, d'est'arte, “a entrar na vida com firme e resolutu passo, vingando com segurança intellectual as esperezas praticas e profissionaes” •

Gigante do saber, insigne nos ensinamentos, era magistral e justo quando escrevia enaltecendo o merito de quem n'ó tivesse. Inolvidavel e modelar é para mim aquelle seu artigo a respeito de Julio Andronic, o saudoso Irmão Marista Primeiro Reitor do Diocesano São José, artigo que, sob o titulo “Um sabio”, foi publicado na edição vespertina do *Jornal do Brasil*.

Mestre que foi meu no Diocesano, Mestre continuou sendo, pois buscava sempre nos orgãos de imprensa a sua collaboração que tanto, tantissimo util ha sido para mim, colleccionando eu, com singular carinho, como já o fazia meu Pae, que era seu amigo e admirador, e, como elle, morreu fiel ao antigo regimen, tudo quanto a sua penna de ouro produziu e se prende ou refere ao meu Mestre dilecto.

Si de se ansiar é concatenação em livros dos seus innumerados trabalhos de valia immensa, publicados na imprensa, que foi o seu grande livro, sendo certo que orgão de publicidade que desfructasse a sua collaboração em pleno exito se mantinha, outrosim, se impõe reunido seja, em volumes, tudo quanto versa sobre o Mestre eminente.

“Minha primeira contribuição para imprensa — escreveu Carlos de Laet — foi um folhetim, ou cousa parecida, no *Diario do Rio*, então dirigido por um Sr.

Navarro. Era eu estudante de humanidades no Collegio de Pedro II, terceiro ou quarto-annista, se me não engano. A viuva de um Voluntario da Patria estava ameaçada de soffrer despejo, na casa que habitava contigua á de meus paes: o meu artigo era um grito sincero de commiseração e indignado protesto. Creio que produziu effeito.

“Mais tarde, alumno da Escola Central, que hoje se chama Polytechnica, collaborei em uma *Revista Academica*, de que sahi porque não era republicano; e no *Futuro*, em que tive a honra de terçar armas com o proecto lente Conselheiro Ignacio da Cunha Galvão. Publicára elle umas suas opiniões contrarias á parlamentarização constitucional. Sustentava que, observada litteralmente a Constituição do Imperio, a qual tornava independente da Camara dos Deputados a nomeação dos Ministros de Estado, cessariam alguns males e perturbações da politica nacional. Repliquei, como entusiasta que era, do systema parlamentar em que a Nação constante e ininterruptamente influe na directriz dos seus destinos. A discussão foi, como era de esperar, respeitosa de um lado, bondosa do outro. Lembra-me perfeitamente que ao seu joven contendor applicou então o illustre professor aquillo do Correille:

... *Aux cœurs bien nés*

La vertu n'attend pas le nombre des années...

“Eu o aproveito, este verdadeiro conceito, e aqui hoje o endereço aos moços de talento que para o primeiro numero desta publicação (*) quizeram alguma cousa do encarecido, posto que sempre obscuro, jornalista, escrevedor destas linhas”.

.....

“Desde muitos annos, educador que tenho sido, por diante de mim desfilam dessas legiões de moços que se atiram ás conquistas do porvir. Ao passo que sobre mim se addensam as semi-trevas do occaso, eu os vejo, confiantes e lepidos, caminharem para as bandas onde no horizonte pompeia o rosicler de todas as esperanças. Seria um crime desfazer-lh'os, e, sobretudo, gerar-lhes no espirito esse estado d'alma, que é o meu, metade resignação e metade protesto, contra os attentados em que succumbe o direito e as injustiças clamorosamente triumphaes. A alma do moço convém que muito ao contrario, seja um mixto de confiança na efficacia da verdade, do bem e do bello. A desillusão é um veneno que, lentamente infiltrado, póde talvez dei-

(*) *A Vida Academica* — Artigo sob o titulo “Reminiscencias e Conselhos”.

xar no desilludido certa serenidade indolente, mas que, de chôfre introduzida no organismo, quando não o matara, deixal-o-hia lastimosamente combalido.

“Crêde, pois, meus jovens amigos, na grande pujança e valia da arma que ides manejar, ou antes da melicia a que ides pertencer. Repeti, para cada vez mais vos animardes, aquelles formosos versos de Castro Alves, que os sabia fazer tão imaginosos e sonoros:

*“Quando ella appareceu nas brumas d’Allemanha,
Alva, bella, ideal, lavada em luz extranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã,
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes,
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,
Dos cimos do Peru’ ás grimpas do Industan.*

*‘Tremeram de terror ao ver-lhe o rir sublime
O sátrapa, o chacal, a tyrannia, o crime,
O abutre, o erro, o antro, o môcho, a escuridão...’*

“Para que mais? Imaginae que a imprensa é tudo isso, ou quem sabe se mais

.....

Assim se externou Carlos de Laet, o meu Mestre dilecto

Liam-n’o os espiritos jovens, ansiosos de aprender, como as mentalidades eruditas.

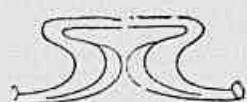
Machado de Assis, segundo o testemunho de Mario de Alencar, “nos dias precursores da sua morte, só lia o *Jornal do Brasil* das quintas-feiras, em que se lhe deparava a collaboração do gracioso humorista”.

Dia a dia, após a sua morte, mais e mais cresce a admiração por Carlos de Laet e mais se acrisóla o culto á sua memoria.

Cumpre áquelles que, como eu, foram seus discipulos — e centenas ha — organizar o Gremio Carlos de Laet, e eu faço aqui este appello aos que devem ao grande Mestre a sua formação intellectual, que, com justificado orgulho, em o proclamando, se dignificam.

De mim, nem porque obscuro seja, terá Carlos de Laet, até ao fim da minha vida, esta publicação para cultuar a sua memoria, porque elle, pela obra que produziu, no magisterio e na imprensa, singularisando-se pelo character e pelo patriotismo, deve servir, para as gerações futuras, como um dos mais legitimos symbolos da nacionalidade.

5 de Junho de 1928.



O ADEUS DA ACADEMIA

RODRIGO OCTAVIO

DISCURSO PRONUNCIADO NO CEMITERIO DE
SÃO FRANCISCO XAVIER PELO PRESIDENTE DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Senhores — E' sob a mais funda emoção que ora quebro o silencio desta cerimonia. A Academia Brasileira, as letras nacionaes, o Brasil, perdem, com o querido morto de hoje, uma de suas mais fulgurantes figuras.

Batahador imperterrito, alma de bandeirante, em busca sempre de novos campos, de novos horizontes, já-mais fugindo da luta nem sentindo cansaço ou desfallecimento, colhe-o a morte em plena actividade intellectual, a despeito do peso de oitenta annos sem repouso, vividos, todos, sob a asperidade de nossos verões tropicaes.

Reservou-se para descansar na morte; e fechou os olhos seguro de que, para guardar memoria de seu nome e do proveitoso labor de seus dias, ficava indelevel no registro da Historia o sulco inapagavel de sua passagem pela vida.

A hora rapida desta cerimonia não comporta mais que expressões de saudade e palavras de adeus. A hora da glorificação virá mais tarde.

A Academia Brasileira, cujos trabalhos Carlos de Laet illuminou por tres decadas com as scintilações do seu espirito e com a contribuição de seu saber, vacscentir, desolada, o vasio que elle deixa em seu recinto. A mim, pessoalmente, seu admirador e amigo desde o inicio de minha vida publica, punge-me ver com sua morte, enlutadas as ultimas horas de minha presidencia. E' com a dor mais profunda e a mais sincera emoção que cumpro o dever de trazer ao grande brasileiro, que ora baixa ao tumulo, o derradeiro adeus de seus companheiros de trabalho.



JUNTO AO TUMULO

PEDRO DO COUTTO

Em nome do Collegio Pedro II, que Carlos de Laet dirigiu durante oito annos, falou o seu actual director.

Veterano jornalista e escriptor consagrado, auctor das "Paginas de Critica", "Caras e Caretas" e "Historia do Brazil", e um dos ornamentos do nosso magisterio, Pedro do Coutto, num improviso que a todos sensibilisou, exaltou a figura do morto como artista da palavra escripta, como mestre conspícuo e mórmente como homem de principios.

Ainda mais: mistér se fazia realçar a dignidade e a firmeza com que soube, a todos os momentos, afirmar as suas convicções, revelando a toda a gente a sua nobre feição moral.

Quasi toda a geração que domina em varios departamento do magisterio, da magistratura e das letras delle recebeu lições, guardando do nobre mestre lembrança viva, pelos brilhos de seu espirito e pela belleza de sua cultura.

No jornalismo, pela elegancia de sua forma de dizer e pelo estylo pessoal com que se revestiam os seus trabalhos, occupou elle posição de destaque, admirado por todos e respeitado pelos adversarios que lhe temiam a satyra habilmente manejada.

Foi um polemista vigoroso, mordente e corajoso. Foi um typo representativo no nosso mundo intellectual, por onde passou brilhantemente cerca de meio seculo.

Com o habito de ataque ferino na contenda em prol de principios que ousada e dignamente sustentava, dava a impressão a quem de perto não o conhecesse ser um rebarbativo, um intratavel.

Puro engano — era um bom, recebendo a toda a gente com lhaneza, accessivel a todos que se lhe approximavam, de uma bondade accentuada, soccorrendo os que delle precisavam sem alarde, como o fazem os que sentem e empregam a bondade pelo prazer de fazer bem a seu semelhante.

Com elle convivi na mais estreita amizade, discipulo e collega que delle fui, e, não obstante as nossas diver-

gencias politicas e philosophicas, pude apreciar-lhe o character e fazer justiça á dignidade continua de sua conducta.

Foi um character firme e um cavalheiro gentil e caritativo, cuja linha de attitude foi continuamente recta, evidenciando a limpeza moral de que era dotado.

Oxalá homens como elle continuassem a existir nas letras e na magistratura, para honra e para gaudio dos que prezam os homens que se mostram perfeitamente affirmativos.

Aos discipulos, que ficam saudosos do mestre insigne, concita a guardar, com carinho, a lembrança do grande belletrista que se foi, após uma vida de trabalho honesto, seguindo-lhe o exemplo na affirmação de principios, na sustentação de ideias, na coragem moral com que enfrentou situações por vezes fortemente adversas.

Que se admire nelle o combatente vehemente, mesmo o adversario intrepido; mas que se o admire como um homem de bem, cuja integridade de character foi modelar.

AGLIBERTO XAVIER

Meus Senhores.

Carpidas as ultimas notas plangentes dos representantes da familia, da patria, da religião e dos proprios correligionarios, permitti que se faça ouvir agora a palavra desautorizada, mas não menos sentida, saudosa e sincera do amigo e collega, mas adversario politico e religioso, e por isso mesmo mais insuspeita, para exaltar-lhe as virtudes moraes e civicas.

Educando ambos — o eminente Professor Laet e o obscuro orador — nos mesmos principios religiosos e civicos, foi este muito joven ainda levado para crêdo diverso em que as leis naturaes substituem as vontades arbitrarias, mas de onde jámais desertou o amor á virtude, á familia, á patria e á humanidade, de modo que, os sentimentos domesticos e civicos permaneceram os mesmos, posto que em campos diferentes.

O Professor Laet foi sempre invariavelmente um fiel servidor da religião catholica apostolica romana, em toda a sua vasta amplidão: do dominio do amor, ao da fé, da concepção ideal do mysterio á da philosophia natural, da pratica da caridade á do governo e da politica.

Mudado o regimen governamental do paiz, permaneceu elle com um pugillo de honrados correligionarios.

rios fiel ás instituições que abraçara e exaltára, pois que essas instituições políticas logicamente se prendem ás crengas religiosas que tanto afagava.

De facto, senhores, a doutrina que faz toda autoridade emanar de Deus, não pôde de modo algum conciliar-se com o principio metaphysico que substitue a divindade pelo povo, e menos ainda aquella que pretende combinar as duas concepções contradictorias. O Professor Laet conservou-se fiel ás consequencias políticas da philosophia catholica, segundo os ensinamentos de Bossuet, manteve-se no partido monarchico.

Quantos assim procederam? Um diminuto numero apenas de velhos e dignos compatriotas cheios de convicções, que a ellas tudo sacrificaram, e que por isso mesmo intensa admiração e respeito conquistaram entre seus adversarios políticos, os verdadeiros republicanos, muito mais do que conservaram no seio de seus ex-correligionarios que se bandearam logo para o partido dos vencedores.

Genio combativo, o Professor Laet intentou com outros a reacção, começando pela imprensa para terminar pelas armas. E nesse caminho esbarrou-se com o partido contrario muito mais bem aperecebido. Sentindo-se então inteiramente sitiado e comprehendendo a improficuidade de recommençar a lucta, voltou-se inteiramente para o magisterio, onde figurava como estrella de primeiro brilho. Tambem os adversarios sentiram que não era generoso nem sequer toleravel que, por mais tempo, se privasse a mocidade de suas suas lições. Assim voltou elle para o magisterio official.

Em pleno exercicio de suas funcções, revelando suas preciosas aptidões, não era licito cassar-lhe as prerogativas que com inteira justiça merecia, nem privar o estabelecimento dos serviços decorrentes de sua enorme capacidade. Assim foi elle naturalmente escolhido dentre os professores para director.

Nessas funcções distinguiu-se pelo seu invejavel talento e actividade rarissima em tão avançada idade, pela cordialidade no trato com seus collegas, pela bondade para com os alumnos e pessoal administrativo do Collegio sem prejuizo da exigencia no cumprimento de deveres, finalmente, pelo respeito alliado á altivez civica para com seus superiores hierarchicos, até ao momento em que essas preciosas qualidades moraes e civicas o tornaram incompativel com o ineffavel governo passado.

Nessa conjunctura houve novamente que se retirar da arena e recolher-se ao remanso do lar domestico, para onde o attrahiam os carinhos de seus dedicados filhos. Mas o civismo ainda o arrebatou para pugnar pela ordem e moralidade publica em sua Patria, victima da sanha de politiquceiros cupidos, arrogantes e vis.

Em vez da espada, empunhou a penna: em vez dos lances materiaes, manejou o ridiculo atirando-o sobre

as coisas realmente ridiculas. E, provocando o riso, estigmatizava a conducta dos que maiores males causavam ao paiz:

"Ridentem dicere verum.

Quid vetat?"

perguntava Horacio.

Era um adversario politico que relevantes serviços prestava ao partido contrario e á Nação, por lhe apontar os erros e caustical-os com sua ironia candente. Era o inimigo que mais concorria para corrigir os vicios do antagonista, por pôl-os em relevo e atenzal-os.

Pouco homens têm tido a ventura de possuir espirito tão forte através de tantas vicissitudes e de tão longa e acabrunhadora velhice, encarando com tanta indifferença a morte que lentamente se approxima atrahida pela senectude e pela molestia. Poucos têm conservado o espirito faceto, chasqueador e ironico peculiar á aurora da vida durante o sombrio e demorado crespuculo da ancianidade.

No meio desse gracejar inesgotavel e util em corrigir máus costumes, elle presente proxima sua hora derradeira, aquella em que é mistér depôr a penna, voltar-se para os sublimes mysterios da religião, dar a ultima benção a seus filhos, dizer o final adeus aos amigos e á Patria. Mas, antes desses ultimos actos de affecto e humildade religiosa, elle sente necessidade de recolher-se e, como poeta, entoar seu canto de cysne. A debilidade, porém, do fim da vida e a frieza da morte já lhe não permittem mais distender as cordas frouxas de sua lyra; pôde elle apenas articular palavras que, colhidas pela piedade filial nos foram transmittidas pela imprensa, concitando seus concidadãos a que não pratiquem — a divisão nacional — entre vencedores e vencidos, mas imitem o nobre exemplo de Caxias, fazendo celebrar uma cerimonia religiosa e civica em que todos os brasileiros possam chorar seus compatriotas perecidos na guerra civil.

Querido amigo, concidadão e mestre, possa o vosso derradeiro canto ecoar em todas as consciencias, possam as vossas graciosas criticas destruir os vicios que empanam o brilho da alma nacional, possa o vosso amor á Patria incitar o civismo da mocidade brasileira! Aceitae o osculo de saudade do vosso amigo, certo de que a vossa memoria ficou indelevelmente gravada em seu coração.



NO SENADO FEDERAL

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA SESSÃO
DE 8 DE DEZEMBRO DE 1927

ANTONIO AZEREDO

O Sr. A. Azeredo — Sr. Presidente, o Senado sabe do infeliz passamento de um dos brasileiros mais illustres pelas suas letras, pela sua "verve" e pelos seus talentos: Carlos de Laet.

Outros, mais competentes do que eu para sobre elle falar, entre os quaes se encontra o illustre senador que tambem se acha inscripto para occupar a attenção do Senado e reviver a memoria desse illustre brasileiro, poderão se referir á personalidade desse illustre homem de letras. Devo, entretanto, declarar que vou occupar a tribuna por alguns minutos para fallar, não como senador de Matto-Grosso, Estado pelo qual foi o Sr. Carlos de Laet eleito deputado no tempo do Imperio, mas como jornalista.

Como jornalista sou, nesta Casa, incontestavelmente o mais antigo, o mais velho, o decano, e, nesta qualidade, venho dizer duas palavras para recordar a vida do illustre veterano que acaba de desaparecer, o Sr. Carlos de Laet.

Todo o mundo conhece o grande prestigio que elle sempre teve na imprensa e nas letras, nos meios intellectuaes, emfim, sendo incontestavelmente um dos professores mais notaveis que tem tido o Brasil e os nossos institutos de ensino.

Ninguem com mais amor cultivou o vernaculo, ninguem com mais habilidade esgrimiu a ironia do que Carlos de Laet. Eu poderia citar ainda agora, quando já no leito de morte, a expressão de espirito que elle teve em relação á visita que lhe fizera o arcebispo de Matto-Grosso, depois de haver este tomado posse da sua cadeira na Academia de Letras. Não o faço, porém, por não vir ao caso o humorismo do illustre morto que, naquelle momento, recordava bem a sua mocidade, apreciando os factos, as cousas, os homens e as letras!

O Sr. Carlos de Laet, que passou por todas as posições, na imprensa, na litteratura, nas artes e na politica, demonstrou bem que não era um ambicioso, que nunca pretendeu galgar as posições mais altas, chegando mesmo a recusal-as, em um momento bem especial, no Imperio.

Aproveito, Sr. Presidente, a oportunidade para narrar um caso que se passou com o illustre Sr. Carlos de Laet, que acaba de fallecer. O Senado sabe das suas relações com o Visconde de Ouro Preto, de saudosa memoria. Em destaque pelo seu talento e pelos seus serviços de jornalista, prestados nas columnas de "A Tribuna Liberal", onde elle era o redactor principal e receiando não ser eleito pelo Estado de Matto Grosso, pelo qual se candidatára, o Presidente do Conselho apresentou, tambem sua candidatura, pelo Estado da Parahyba, sendo, então, o illustre jornalista, o notavel escriptor, o professor que honrou sempre a sua cathedra,

eleito pelas duas provincias, a de Matto Grosso e a da Parahyba, pelo muito que elle merecia ao governo do Imperio.

Infelizmente, a sua eleição, para representar a minha terra, causou-me um grande desgosto, vindo-me na contingencia de combatel-o. Tive de lutar, com grande inferioridade, com o illustre jornalista, pela imprensa, combatendo-o com a maior vivacidade que me era possivel, naquelle tempo em que a mocidade me fazia ferver o sangue e me fazia dizer as cousas com mais vehemencia do que hoje, em que a minha idade não o permite fazer. E de tal modo fui obrigado a discutir com o eminente jornalista, com tanta vehemencia, que fiquei, na mesma occasião, envergonhado das cousas que lhe disséra, sabendo que elle não as merecia.

Num banquete de jornalistas, que teve logar no Rio de Janeiro e para o qual me distinguiram com a presidencia, tive a oportunidade de declarar que havia tido uma discussão tão impetuosa e tão desagradavel com o Sr. Carlos de Laet, que chamava a attenção dos jornalistas presentes para que não usassem da linguagem que eu então usára, para não se arrependem do que dissessem em relação a qualquer pessoa, politica, industrial, etc. Aconselhei, pois, a esses collegas novos que se contivessem na linguagem e que não se excedessem, para que um dia não viessem a se arrepender daquelles escriptos aggressivos que nada adiantam e tudo prejudicam. Era uma confissão que fazia de publico pelo arrependimento que me causara a aggressão soffrida pelo eminente jornalista, devido á impetuosidade com que agia na mocidade, na defeza da minha Provincia, que o eminente jornalista não conhecia siquer.

O Sr. Lopes Gonçaves: — Não foi uma aggressão; era natural a polemica entre republicanos e jornalistas.

O Sr. A. Azeredo: — Póde ser.

Mas, Sr. Presidente, quero ainda accentuar que o Sr. Carlos de Laet nunca foi um ambicioso, pois poderia ter galgado, quer no Imperio, quer na Republica, as posições mais elevadas, para as quaes o recommendavam seus serviços e seus talentos.

Nos ultimos tempos do Imperio, a crise ministerial se annunciava pela retirada do Ministro da Guerra, o Sr. Visconde de Maracajú, que havia declarado ao Presidente do Conselho, Sr. Visconde de Ouro Preto, que não poderia continuar na pasta da Guerra, porque as suas qualidades de parlamentar a isso o impediam, visto como, não sendo orador, nem politico — apezar de ter sido eleito Deputado por Alagoas — não desejava continuar como Ministro da Guerra, depois da abertura do Parlamento.

Então, Sr. Presidente, occorreu um facto que pouca gente conhece, mas que é verdadeiro: — Para occupar a pasta da Guerra, em substituição ao Sr. Visconde de Maracajú, foi convidado o Sr. Carlos de Laet.

O notavel jornalista, com finura e delicadeza, chamou a attenção do Sr. Visconde de Ouro Preto, que, interinamente, occupava a pasta do Imperio, ponderando que elle não tinha o direito de convidal-o para Ministro da Guerra, porquanto anteriormente declarara que as pastas da Guerra e da Marinha deviam ser occupadas por almirantes e generaes, e que, como um simples civil, absolutamente não poderia ser Ministro da Guerra de um gabinete

que fizera essa declaração. E, nessa occasião, Carlos de Laet disse ao Visconde de Ouro Preto que a pasta da Guerra devia ser occupada pelo marechal Floriano Peixoto.

Acceitando as ponderações de Carlos de Laet, o Visconde de Ouro Preto declarou que iria convidar o marechal Floriano Peixoto para a pasta da Guerra, nome suggerido então pelo illustre escriptor.

E como parecesse a Carlos de Laet que o Visconde iria incumbil-o de fazer esse convite ao Marechal Floriano, o notavel jornalista, e então Deputado, aconselhou-o a que mandasse chamar o Sr. Carlos Affonso, então presidente da Provincia do Rio de Janeiro, para que esse fizesse o convite visio como tinha sido Carlos Affonso quem o promovera a marechal de campo, quando occupára a pasta da Guerra.

Sr. Presidente, eu relato este facto, que é desconhecido, que poucos sabem como elle occorreu, e que faz parte do capitulo de um livro que estou escrevendo, "Reminiscencias", para mostrar a desambição de Carlos de Laet e o desejo unico que elle tinha de servir ao seu amigo, que era Presidente do Conselho, de servir ao seu partido, que era o Liberal, e de servir o Imperio. E, como elle se heuve, depois da proclamação da Republica, todos sabem, todos se lembram — elle se manteve fiel ás instituições monarchicas, não se inclinou já-mais para a Republica. Entretanto, soffreu violencias do governo, que, até, o mandára dispensar do cargo, que exercia com tanta elevação, com tanto brilho, como ainda hoje se hão de recordar os seus alumnos, entre os quaes se encontram nesta Casa muitos delles, para dizer do illustre extinto, que foi, incontestavelmente, um dos brasileiros mais notaveis, pelos seus serviços, pelos seus talentos, pelas suas virtudes civicas e moraes.

Jornalista, elle abrilhantou as paginas de muitos jornaes, desde que estes lhe permittissem escrever com liberdade e defender as suas idéas. Para mostrar a que ponto ia a sua independencia e altivez, basta-me citar o seguinte caso: o director do "Jornal do Commercio", onde elle escrevia, com grande successo, o "**Microcosmo**", chamou a sua attenção para um desses — **Rodapé** — pedindo que o modificasse. Laet respondeu simplesmente: — "Ainda está para nascer o almocreve que me ponha a albarda".

Assim, Sr. Presidente, como jornalista e como Senador da Republica, eu venho pedir a V. Ex. consultar o Senado sobre si consente que se inscreva, na acta de nossos trabalhos de hoje, um voto de profundo pezar, pelo desaparecimento de tão notavel brasileiro. (Muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado).



NO SENADO FEDERAL

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 8 DE
DEZEMBRO DE 1927

IRINEU MACHADO

O Sr. Irineu Machado — Sr. Presidente, o Senado ouviu a eloquente oração do Senador por Matto Grosso, dizendo dos talentos, das virtudes, do saber e da coragem cívica do grande carioca e brasileiro, que foi Carlos Maximiano Pimenta de Laet.

Acompanhei, cheio de emoção, as palavras do honrado Senador por Matto Grosso, pontilhadas de commentarios historicos e de narrativa de incidentes que põem ainda mais em relevo o caracter severo, inflexivel, do grande jornalista, do extraordinario professor, do admiravel professor.

Recordo-me, como ainda hontem dizia a V. Ex., Sr. Presidente, quando lhe annunciei a triste noticia do fallecimento do grande brasileiro, ainda hontem eu repasava os primeiros dias da minha vida, esses em que se começa a abrir os olhos para a existencia e quando a intelligencia nos faz julgar dos acontecimentos e dos successos com particular curiosidade, gravando-se na nossa memoria, indelevel, a recordação, senão a repetição das primeiras novidades, das primeiras impressões, das primeiras emoções, que recebemos, dos primeiros embates da vida.

Era pelo anno de 1882, — e, aqui, neste Senado, tem egualmente assento um condiscipulo, João Vespucio de Abreu e Silva, alumnos ambos do Internato do famoso Collegio Pedro II — o nosso professor era um amigo, um guia, um instructor, e, com o seu espirito encantador, saltitante, cheio de graça e de *verve*, era mais que um professor, era um companheiro de estudo, um collega, um menino tambem.

Contava 80 annos de idade Carlos de Laet. Fôra nosso professor. Quarenta e cinco annos são passados, senhores; entretanto, eu me recordo ainda do carinho e do interesse que elle punha em preparar os seus alumnos, os seus discipulos para a arte de falar, para a arte de dizer. Naquelles tempos, em que o Collegio Pedro II ganhára uma fama mundial e Laet, era dos primeiros e mais notaveis professores, havia o habito de se realizar a festa escolar de 2 de agosto, presidida pelo Imperador. Era como um concurso entre as intelligencias que despontavam, entre as aptidões que se mediam; e cada professor queria encontrar em seu discipulo um reflexo da sua intelligencia, da sua capacidade, da sua mentalidade. Emulação entre discipulos e emulação entre professores.

Eu me havia matriculado no collegio com uma permissão especial do Imperador, dous annos antes de attingir a idade regulamentar.

Tão pequenino, tão fragil, desde logo, o menor de todos, Laet voltou para mim a sua attenção. Era para mim mais do que um professor; era um parente muito proximo, quasi um pae. Punha particular interesse em me ensinar, em me auxiliar, em me encorajar, impulsivando a minha timidez sem limites.

Quarenta e cinco annos após e ainda Laet me repetia ultimamente, ao me encontrar, a primeira phrase, a pri-

meira linha da fábula que elle me havia ensinado a dizer, para pronunciar na aula, na sessão solemne de 20 de agosto — "O pintasilgo alegre canta."

Laet, tão rude, tão severo, tão inflexível no impeto, no combate, na imprensa ou na politica, era, no entanto, de uma docilidade e de uma ternura emocionantes no convívio e no trato com os seus discipulos. Tão cheio de orgulho quão despido de vaidade, tão profundo de saber quão simples na exposição e dicção, Laet foi, nos tempos que correm, o mais illustre dos varões da nossa imprensa (*apoiados*), o mais formoso dos nossos prosadores, o mais nitido e puro dos nossos estylistas, tão limpido e tão puro na redacção da phrase, quanto havia de limpidez e pureza no seu espirito e na sua alma. (*Muito bem.*)

Houvessem imitado o espirito de Carlos de Laet todos os que, de roldão, adheriram á Republica e iniciaram entre ambição, de epicurismo e, certamente, os destinos da Republica teriam sido outros.

Laet que, do Imperio, não recebera sinão o mandato duplo e honroso de representante de Matto Grosso e Farahyba, nessa eleição dupla de 1889, nem teve sequer tempo de exercer o seu mandato.

Do Imperio nem um favor recebera, porque a sua cadeira de professor elle a conquistou por seu talento, por seu saber, em um desses famosos concursos que foram a honra dos tempos aureos da instrucção publica do Imperio no Brasil.

Punha o Imperador, naquelle tempo, particular interesse na realização effectiva do Ensino Publico. Assistia a todos os exames finaes do Collegio Pedro II, e a todas as Faculdades de ensino superior. Assistia todas as provas de concursos; queria ter em suas mãos o segredo das intelligencias que despontavam, como que querendo antever e prever a cultura scientifica que despontava na intelligencia de todos quanto se propunham a engrandecer o nome do paiz e mais tarde brilhar no firmamento da Patria.

Laet nunca foi um aulico, embora amigo da familia imperial até o sacrificio.

Naquelle tempo até a sciencia e a cultura nacional e estrangeira irmanavam-se e confundiam-se em um só pensamento, quer no ensino do Collegio Pedro II, quer no ensino das escolas superiores.

Nós iam buscar, naquelle tempo, em qualquer parte do mundo, onde quer que ellas se encontrassem, as maiores mentalidades que pudessem nos trazer o brilho da sua capacidade para nos instruir e nos ensinar. O Imperador contractava professores estrangeiros e muitos dos quaes aqui ficaram para bem da cultura da nossa intelligencia e da nossa instrucção, dando ao mundo que nascia a sciencia e a cultura do mundo que já attingia ao apogeu.

Recordo-me de um caso, bem expressivo e que tivesse se dado na Republica, constituiria um crime de lesa-presidencia. Alfredo Alexander, um inglez rispido e severo, era meu professor de inglez no 4.º anno no Internato do Collegio Pedro II e, julguei-me eu, injustamente *simplificado*. Esperei-o no corredor e joguei um livro aos seus pés, em um gesto de indisciplina e malcreação. Para resolver sobre o caso a Congregação reuniu-se e de certo não me expulsou porque levou em conta as notas distinctas que eu obtivera até então em todas as provas. No anno seguinte Alexander não mostrou o menor rancor por isso e approvou-me com distincção e louvor no meu exame do 5.º anno.

Nesse exame, assistindo-o, o Imperador pretendeu modificar a minha pronuncia quando eu lia uma pagina.

de Shakespeare e pronunciei a palavra "sword" sem o "r" e sem o "w". O Imperador perguntou-me si estava certa assim a pronuncia. Tremulo, attonito, olhei espantado para Alexander e vi que este me fazia um signal de que mantivesse a minha pronuncia, o que fiz, e Alfredo Alexander accrescentou logo depois que eu estava certo.

O SR. A. AZEREDO — Com effeito, foram contractados professores notaveis pelo Imperador, mas é fóra de duvida que nem todos os contractados dispunham de igual competencia. Haja visto alguns dos contractados para a Escola Polytechnica.

O SR. IRINEU MACHADO — Alfredo Alexander dava-me distincção com louvor, nota que jamais déra a quem quer que fosse. Era, senhores, a coragem, a independencia deante do Imperador, era a generosidade, era a benevolencia, era a desculpa para a infantilidade dos discipulos, dos que no curso das suas aulas offereciam provas de boa vontade e dedicacção para aprender.

Era assim naquelle tempo o "Collegio Pedro II".

Foi nesse meio, nesse ambiente de esforço e de trabalho, de honra e de emulacção; foi nesse ambiente que meus olhos se abriram para á vida e que eu conheci Carlos Maximiliano Pimenta de Laet.

Mais tarde, senhores, ainda o avistei como redactor-chefe da *A Tribuna Liberal*, folha da reacção monarchica contraria á Republica.

Trabalhava, eu, na Estrada de Ferro Central do Brasil, na secção do Almoxarifado. Ao meu lado se sentava, Romariz, o empregado e revisor da *A Tribuna Liberal*, assassinado no assalto que um coronel do Exército dirigia da porta da *A Gazeta de Noticias*, para o edificio da redacção da *A Tribuna Liberal*, então situada na travessa do Ouvidor. O meu companheiro de trabalho morreu nesse assalto.

O SR. A. AZEREDO — Peço a V. Ex. que não deixe de fazer o elogio da imprensa desse tempo e da sua attitude energica por ella assumida contra aquelle coronel.

O SR. IRINEU MACHADO — Senhores, apesar de nos encontrarmos em pleno regimen dictatorial, em que todos os poderes se enfechavam em mãos do grande soldado e do dictador que era o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, a imprensa daquelle tempo não emudeceu e recebeu em todo o paiz o energico e altisonante protesto progressista, a imprensa liberal, a imprensa progressista, a imprensa livre da Capital da Republica. (*Apoiados.*)

Carlos de Laet, apesar da evidencia do perigo material, que a sua persistencia nas suas convicções monarchicas, podia acarretar para a sua vida e para a sua situação, de nada se intimidou. Foi exonerado, foi aneagado, mas permaneceu com uma coragem monolitica na grandeza da sua austeridade.

O SR. A. AZEREDO — Apoiado.

O SR. IRINEU MACHADO — A sua immutabilidade, a sua serenidade, a sua inflexibilidade, a sua fidelidade, são modelos de virtudes civicas que nós, republicanos, temos o dever de apontar aos da nossa geração e aos nossos posteros.

O SR. A. AZEREDO — Apoiado.

O SR. IRINEU MACHADO — Mais tarde, senhores, tremenda foi a luta para reintegrar Laet. A Republica o repoz na sua posição de professor, porque a de jornalista, essa, jámais elle a deixou e não ha jornal desta Capital, desses, cuja vida não é ephemera e transitoria, um grito da paixão do momento, do interesse occasional; não ha orgão da imprensa permanente e duravel da Capital

da Republica, onde a sua penna não tenha, com o máximo fulgor da intelligencia luminosa do grande pensador, do grande philosopho, do grande ironista que elle era, augmentado o brilho do pensamento, na Capital da Republica.

Laet, senhores, era uma formosa e incomparavel intelligencia, dessas que não se afundam no passado que não envelhecem, que não se calcificam, que não se esquecem e jámais, morrem, dessas que, guardando senhores, intactas as suas convicções, profundamente conservadoras, não deixam jámais de pelejar, de estudar, de indagar das novas doutrinas, e quaes os seus argumentos para refirmal-as, sem terminar um só momento, o combate, em uma batalha incessante, sem paz nem treguas. E é por isso, senhores, que a sua penna jámais enferrujou e o seu coração jámais esclerosou.

Deu, aos 80 annos de idade, o exemplo magnifico de afundar na morte para reviver na immortalidade, preferindo ainda o ultimo grito pela vida humana e pela liberdade terrena, neste triste momento da nossa historia politica.

Houve um periodo da vida de Carlos de Laet em que elle nos guerreou com uma crueldade, com uma dureza que foi quasi á ferocidade. Foi nesse periodo florianistico, em que nós comprehendiamos que a vida da Republica estava ligada á sorte da defesa, nos campos de batalha, da Republica. Floriano Peixoto personificava, naquelle instante a idéa republicana; Saldanha da Gama era o retrocesso, o passado, era a Monarchia. Legitima a posição de Carlos de Laet, ao lado de Saldanha da Gama, como natural, comprehensivel e fatal esse agrupamento de todas as intelligencias republicanas e de todas as almas dos moços em torno do grande soldado, do immortal Marechal de Ferro.

O SR. AZEREDO — Muito bem.

O SR. IRINEU MACHADO — Não perdoavamos os nossos adversarios, como elles tambem nos não perdoavam. Mas, apesar de toda a furia dos combates de então e da onda de paixões que, de lado a lado desencadeavam uns contra os outros apesar disso, Senhores, ainda se pode dizer que esse periodo foi, na Republica, o mais bello da nova vida; foi o periodo da restauração do character nacional!

O SR. AZEREDO — Apoiado.

O SR. IRINEU MACHADO — Laet de nada se intimidava. Continuava sempre a combater. Mais de uma vez me aggreuiu; mais de uma vez me offendeu. Jámais, entretanto, Senhores, guardei o menor resentimento dos combates e das batalhas em que lidámos pelo pensamento, em que lidámos pelas nossas bandeiras. No nosso coração devem ficar impressas as nossas queixas e os sentimentos dos que procuram aggreuir-nos a nós, como homens e não pelas nossas idéas e pelas causas que nós comprehendemos. E' esta, Senhores, a norma dos homens politicos: jámais atacar a pessoa, jámais injuriar-a, jámais offendê-la, mas...

O SR. AZEREDO — Apoiado; assim deve ser.

O SR. IRINEU MACHADO — ... combater a idéa, combater o pensamento, lutar contra a escola, oppôr theoria a theoria, escola a escola, doutrina a doutrina;...

O SR. AZEREDO — Apoiado.

O SR. IRINEU MACHADO — ... manter intacto o respeito ao espirito de contradicção, que é a fonte da luz, da liberdade e do progresso da especie humana.

Eis porque, quanto mais Laet, como um gardingo sem par, se afundava na peleja, buscando sempre a defesa da Cruz, novos mouros e novos inimigos, quanto mais elle destruiu ostensivamente os inimigos, tanto mais elle crescia no meu apreço e na minha estima.

Os lutadores gostam de encontrar num paradigma, num estalão como o de Laet, o modelo que os diminua — porque nos consideramos muito menores do que elles — mas que orgulhem e enalteçam a raça e façam a gloria da nacionalidade. (*Muito bem!*)

Vejamos, Senhores, o que foi Carlos de Laet, na imprensa carioca. O que hoje mourejou aqui, amanhã carregou para acolá suas tendas e barracas e depois de amanhã se transportou para aquelle outro jornal.

Emquanto o jornal seguia uma orientação que lhe parecia de utilidade para a causa da Monarchia — um alliado, occasional embora, do seu pensamento e da sua fé — lá estava Carlos de Laet. Quando o jornal começava a descambar para uma corrente que lhe parecia desfavoravel ao seu pensamento, desfavoravel aos seus desejos de restaurar a monarchia — porque elle jámais perdeu a fé — Laet immediatamente carregava as suas munições e as suas barracas para outro extremo: ia escrever noutro jornal.

Os jornaes podiam mudar de orientação. Laet, como um marco historico da elevação politica do nosso paiz, esse não queria nunca mudar, ficava sempre fincado no mesmo terreno, inalteravel na sua solidariedade com o passado e na sua fidelidade ao throno e á Cruz.

Uma identidade, entretanto de ideias e de sentimentos nos approximava de quando em vez. Assim, meus senhores, tive a honra de ver a minha candidatura recommendada para esta Casa, doze annos faz — por Carlos de Laet, um dos membros do Districto do Partido Catholico desta Capital, apezar de ser eu republicano, cuja convicção é tão profunda, que vive com a minha propria vida, e morrerá commigo no dia em que a vida cessar.

No terreno commum de contacto, a crença no mesmo Deus nos unia e nos estreitava. O throno nos havia separado, mas a cruz nos unia, porque a personalidade de Carlos de Laet não era sómente a de um lutador, mas a de um cruzado na defesa da fé, continua, ininterrupta dos principios religiosos, da theoria catholica, combatendo, senhores, sem cessar, contra todas as deturpações do pensamento religioso, contra todas as infiltrações da philosophia moderna, contra todos os processos de dissolução da ordem moral, porque Carlos de Laet, acima de tudo, via na cruz a segurança da liberdade e da esperança nos destinos humanos.

Catholico, que Deus recolha a sua alma ao seu seio fecundo e immortal em uma apotheose, glorificando o cidadão tão cheio de virtudes, de que elle era tambem um exemplo para a familia brasileira, de que elle era um exemplo para todos os homens que querem ser puros e bons dentro da especie humana, dentro da Patria e da Familia.

Deus recolherá seu espirito amantissimo, seu espirito bonissimo, porque Laet foi um grande adversario das ideias ridiculas, e jámais a sua mão feriu quem quer que fosse, jámais a sua penna destruiu quem quer que fosse. Detestava as ideias ridiculas, as intelligencias ridiculas...

O SR. GILBERTO AMADO — Muito bem.

O SR. IRINEU MACHADO — ... tinha profundo desprezo pelos que mentiam á intelligencia, pelos que mentiam ao saber, mas tinha um bonissimo coração para todos quanto eram bons, simples e humildes.

Tudo morre, tudo perece, ou antes, tudo se transforma, tudo se transmuda, só uma cousa é eterna: o Creador.

Os grandes homens desaparecem mesmo da memoria dos seus successores. Não ha essa immortalidade posthuma. Nossa vida não é mais do que um prolongamento através dos nossos descendente, dos nossos posterios; mas os homens de valor, os espiritos como o de Carlos de Laet, hão de ficar fulgindo através de muitas gerações, através de muitos seculos, de alguns milennios na historia da nossa nacionalidade como as estrellas, que morrem no firmamento, mas que ficam durante seculos e milennios, brilhando através do espaço, do ether.

Requeiro que, por uma consideração excepcional ao grande jornalista brasileiro, que tambem honrou esta Casa como seu empregado na redacção de debates, requeiro, Sr. Presidente, o levantamento da nossa sessão como uma homenagem especialissima que o Senado da Republica presta á honra e á fidelidade com que Carlos de Laet, serviu ás ideias monarchicas, ao throno e ao Imperador, e que ao meu discurso seja appensada a sua biographia. (*Muito bem; muito bem.*)

Carlos de Laet nasceu no Rio de Janeiro, em 1847.

Cursou as aulas do Collegio Pedro II, onde recebeu o grão de bacharel em letras, como alumno do Externato, em 1867, e bacharelou-se em mathematicas e sciencias physicas, pela Escola Central do Rio de Janeiro. Dedicou-se ao magisterio, ás letras e ao jornalismo; foi professor effectivo do Collegio Pedro II, do Gymnasio de S. Bento, do Seminario Archiepiscopal de S. José, professor honorario da Academia Imperial das Bellas Artes e do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro, socio honorario do Retiro Litterario Portuguez. Quando se organizou a Academia de Letras foi designado para occupar nessa companhia a cadeira Porto Alegre. Na constancia do ultimo gabinete da monarchia, presidido pelo Visconde de Ouro Preto, Carlos de Laet iniciou a sua carreira politica, filiado ao Partido Liberal, sendo eleito simultaneamente por duas provincias do Imperio, Parahyba do Norte e Matto Grosso, para representalas como deputado geral na ultima legislatura do regimen monarchico. Estava-se ella constituindo quando foi proclamada a Republica, a 15 de novembro de 1889. Nas eleições á Constituinte Republicana Carlos de Laet conseguiu ser eleito pelo Districto Federal, mas o seu direito não foi reconhecido. Conservando-se fiel ás idéas monarchicas, não proseguiu na carreira politica, regressando ao magisterio, ás letras e ao jornalismo. Batalhou ardentemente pela causa monarchica, defendendo as tradições e preconizando as excellencias do regimen decahido em 1889. A essa propaganda juntou a dos ideaes catholicos. Foi um incansavel propugnador do desenvolvimento do catholicismo brasileiro, um dos sustentaculos do altar e da crença christã em terras de Santa Cruz. Desde os seus verdes annos, Carlos de Laet collaborou em jornaes academicos, sobrelevando-se entre elles *A Revista Academica* e *O Futuro*. Em 1876 entrou para a redacção do *Diario do Rio*, conceituado jornal da época brilhante do jornalismo patrio e nelle se conservou até 1878. Desde então, a sua acção e presença na imprensa brasileira foi constante e laboriosa. Em 1878, tomou parte na redacção do *Cruzeiro* e nesse mesmo anno começou a collaborar no *Jornal do Commercio*. Neste, durante um decennio, de 1878 a 1888, redigiu apreciados folhetins intitutados "Microcosmo". De janeiro a novembro de 1889 inseriu os seus artigos nas columnas do *O Paiz*. Para ellas voltou a escrever, continuando a dar ás quartas-feiras, os seus folhetins intitutados de novo "Microcosmo". Deixando o

Jornal do Commercio, de dezembro de 1888 a dezembro de 1889, começou a collaborar assiduamente na *Tribuna Liberal*, periodico assaitado e destruido na presidencia do Marechal Deodoro da Fonseca. Destruida a *Tribuna Liberal*, o attentado não conseguiu quebrar a penna de Carlos de Laet, o qual continuou na sua campanha opposicionista por meio de novo jornal chamado *O Brasil*, a cuja frente esteve, de março de 1890 a dezembro de 1891. Com muito desassombro, profligou os abusos do poder. No *Diario do Commercio*, sem dar treguas aos combates da politica, publicou artigos de critica de arte com o pseudonymo de *Cosme Peixoto*. Em 1895, offereceram-lhe o logar de collaborador do *Jornal do Brasil*, orgão da imprensa onde se conservou até o presente, escrevendo já na sua edição matutina, já outr'ora, na sua edição vespertina. No *Commercio de São Paulo*, em 1896, Laet collaborou com frequencia, ao mesmo tempo que escrevia em um jornal carioca, de feição accentuadamente monarchica, *A Liberdade*. Por occasião da campanha contra os fanaticos de Canudos, foi assassinado o coronel Gentil de Castro, um dos participantes do jornal e este se achou empastelado e destruido por um motim de rua, em 1897. Tambem em 1896 e 1897, a assignatura de Laet figurou em artigos da *Revista Catholica*. Collaborador do *Correio da Manhã* em 1902, semanalmente escreveu em dous dos jornaes mais salientes do Rio, o *Jornal do Brasil* e *O Paiz*. Nelles proseguiu na sua propaganda monarchica e catholica, apreciando com mordacidade e elegancia os homens e os acontecimentos do dia.

Frequentou, com exito, a tribuna, nella ventilando questões sociaes, politicas, religiosas e pedagogicas. Estão publicadas as seguintes conferencias de sua lavra: *Educação christã*, conferencia realizada em 27 de junho de 1900, no Circulo Catholico da Mocidade (1900); *Indifferentismo religioso*, conferencia (1901); *A Imprensa*, conferencia (1902); *O Frade estrangeiro*, conferencia (1903); *Influencia do culto da Santissima Virgem sobre a Arte*, conferencia (1904). As quatro primeiras conferencias foram reimpressas nas *Leituras Catholicas de Nichteroy*, dos padres Salesianos, a saber: a) *Verdades historicas*, 1902 (contendo *A voz do episcopado brasileiro* e, sob o titulo *A paz da paternidade christã*, a conferencia supramencionada sobre a *Educação christã*; b) *Duas perolas literarias* 1904 (contendo duas conferencias: *A Imprensa* e o *Frade estrangeiro*); c) *Indifferentismo religioso*.

Ainda é de Laet a conferencia sobre *O Ensino commercial, sua importancia, como a Academia do Commercio quer desenvolvê-lo no Brasil* (1904), publicada no *Boletim da Academia do Commercio do Rio de Janeiro*.

São da lavra de Carlos de Laet os seguintes opusculos: *O ensino da Historia*, conferencia; discurso como paranympho na collação de grão aos bachareis do Collegio Diocesano de S. José, de 1905; *Uma lacuna no jornalismo*, com o pseudonymo de Bayard; *O Padre José*, biographia (1893); *O descobrimento do Brasil* (1900); *Associação de S. Vicente de Paulo* (artigos de polemica (1900); *O Estado e a Religião precedencia obrigatoria do casamento civil* (Rio, 1901); *Relatorio dos successos mais notaveis do anno lectivo de 1880 e das condições do ensino da Escola Normal do municipio da Córte* (1881); *Relatorio dos acontecimentos notaveis do anno lectivo de 1882 e das condições do ensino nas materias do curso de estudos do Imperial Collegio de Pedro II* (1883); *Escolas Normaes* (1884); *Criação da Faculdade de Letras* (1884); *A Imprensa*, historia do jornalismo no periodo de 1880-1899).

Na bibliographia das obras de Laet devem ser mencionadas outras obras estimadas: *Poesias* (1873) e *Em Minas* (1895). Devem-se-lhe as seguintes traducções: *Vida de Santa Rita de Cassia* (1897); *O Espiritismo* (1902); *O Sagrado Coração de Maria Virgem* (1904); *Summario da Historia da Religião para uso das escolas catholicas da provincia meridional* (1905), versões do italiano; *Minha historia sagrada*, (1906), versão do francez.

De collaboração com o professor Fausto Barreto, publicou uma *Anthologia Nacional*, sendo de Laet as noticias bibliographicas dos autores de quella collectanea.

Laet, no correr de seus artigos de imprensa e do seu volume *Em Minas*, contribuição geographica e historica relativa ao municipio de S. João e José d'El-Rei occupou-se de questões geographicas e historicas, sendo socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro desde 1911.

O extincto foi tambem, durante alguns annos, no regimen monarchico, redactor de debates do Senado.

Era cavalheiro da Ordem da Rosa.

Foi, ainda ha pouco tempo, Presidente do Circulo Catholico do Rio de Janeiro e antigo membro do Conselho Superior do Brasil, da Sociedade S. Vicente de Paulo e agraciado com o titulo de conde pelo Papa Pio X, por serviços prestados á Santa Igreja Catholica, durante 40 annos de combate renhido em prol da santa causa.

Carlos de Laet era tambem doutor pela Universidade de Louvain e possuia as condecorações da Ordem de S. Leopoldo e a de S. Gregorio.

GILBERTO AMADO

O Sr. Gilberto Amado: — Sr. Presidente, tentava dizer algumas palavras em que exprimisse, sem falar de mim, a minha dôr de brasileiro pelo desaparecimento de Carlos de Laet. Desejava, sobretudo, definir certos contrastes, assignalando como, num paiz de apparencias, de mentiras, elle era uma esplendida realidade.

Homem de letras, ninguem as possuia mais perfeitamente, as classicas como as contemporaneas; professor de portuguez, ninguem sabia mais do que elle a sua lingua, ou podia usal-a com tanta maestria e graça; membro de uma Academia, dita de letras, onde os letrados são tão poucos...

O Sr. Irineu Machado: — Não apoiado.

O Sr. Gilberto Amado — ... elle era, de facto, um academico que honraria qualquer Academia do mundo; humorista, o seu espirito era de boa veia, facil, rico, espontaneo, cruel; como o do grande polemista catholico a que tanto se assemelhava — Léon Bloy — ainda que se lhe avantajasse no vigor da intelligencia e no equilibrio do discernimento; jornalista, escreveu só o que sentia, o que pensava,

o que queria, emfim, nunca tendo servido de instrumento a ninguém. Claro de julgamento, nunca se deixou embustear pela falsidade, nem a das virtudes fingidas, nem a dos falsos talentos.

Dos grandes escriptores brasileiros, era o que possuía synthaxe mais simples e mais segura,

Dentro das regras estRICTAS do escrever correctamente, a sua agil imaginação movia-se com naturalidade, não precisando de rebuscar a linguagem, ou exhumar velhos typos gyros rethoricos das chronicas quinhentistas.

Entre parenthesis, Sr. Presidente, devo notar que o Sr. Irineu Machado tocou nuns pontos que poderiam dar a entender fosse o meu discurso um eco do seu. Tive occasião de communicar aqui ao meu vizinho, o Sr. Antonio Moniz, esta singularidade, mostrando-lhe minhas notas; minha modestia, não sendo excessiva, felicito por esta coincidência ao Sr. Irineu Machado. **(Riso).**

O Sr. Irineu Machado: — Eu é que me felicito.

O Sr. Gilberto Amado: — Emfim, inimigo de toda a mentira e apparencia, sob o rotulo faustoso dos principios e do esplendor eloquente das fórmulas, Carlos de Laet procurava sempre o miolo — a idéa pratica, o coração, a verdade, o homem.

Por isso, quando discutia, não perdia tempo com phraseologias superfluas; ia directamente ao adversario remexendo-lhe o peito com o estylete acerrado da sua verve, a ver o que se lhe escondia dentro — coração sincero ou papelão. Escusado é dizer que, não raro, encontrava apenas papelão.

Não me seduzem as apologias faceis. O Senado tem prestado homenagens das que vae prestar a Carlos de Laet — sem medida e sem sinceridade.

Honrando-o, é o Senado quem se enaltece. Nenhum brasileiro do seu tempo é maior do que Carlos de Laet. Se não tivesse outras virtudes, a da firmeza de suas éconvicções e a honestidade incorruptivel de seu character bastaria a suprema virtude que possuía de escrever como escrevia, para ser um grande brasileiro.

Com elle desaparece um dos galhos mais saudios da velha cépa nacional do Brasil dos brasileiros. Restam poucos dessa estirpe gloriosa — depois da morte de Capistrano; resta João Ribeiro, cuja existencia modesta de verdadeiro sabio, esperemos Deus dilate e preserve ainda por muito tempo.

Um dos ullimos humanistas que possuímos, sabedor dos antigos, dos gregos e dos latinos, Carlos de Laet leva para o tumulo o segredo das puras fórmulas do idioma vernaculo, onde esculpiu tanta sentença justa, tanta imagem graciosa, e em cuja finura classica teceu tanta filigrana subtil.

Conservando o seu bom humor até o fim, até o fim deu ensejo ás boas conversações em torno dos seus dictos felizes, da sua dicacidade, dos seus requesques, dos seus pensamentos finos e fortes. Morre cercado do respeito, por assim dizer alegre, de todos os brasileiros letrados, que todos o amavam.

A sua collaboração para o anedotario nacional é enorme e incomparavel. Quem não sabe, quem não ouviu, quem não se recorda de uma *boutade*, de uma sentença, de um dicto esplendido de Carlos de Laet?

Ainda hontem, numa mesa em que almoçavam alguns brasileiros intelligentes, a noticia da sua enfermidade era commentada com tristeza, mas com que *sympathia* evocada a sua figura! Não se contam as anedotas e os episodios, as phrases citadas em que a critica do futuro vae fixar a figura de um *Rivarol tropical*, de um *Abbeé Coignard* viçoso, amigo, como este, das boas coisas perciveis da vida. (O Sr. Presidente faz soar os *tympanos*).

Vou terminar, Sr. Presidente, num minuto.

Tendo dito o meu pezar e a minha impressã sobre a morte do grande brasileiro, direi a Carlos de Laet: "Mestrê incomparavel, o teu nome ficará entre as maiores realidades do teu paiz, resplandecente de gloria pura, como uma verdade clara."

Quantos detestam a rhetorica vasia e odeiam o mentiroso falar dos falsos artistas cultuarão sempre a tua memoria excellente! Quantos amam a luita e não esfriam as mãos no ardor do combate, recor-fibras resistentes!

Honra, portanto, a Carlos de Laet, grande cidadão do paiz, cheio de luz, de intelligencia! (Muito bem, muito bem; o orador é cumprimentado).

ANTONIO MASSA

O Sr. Antonio Massa — Peço a palavra, pela ordem.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o Sr. Antonio Massa.

O Sr. Antonio Massa (pela ordem) — Sr. Presidente, estando terminada a hora do expediente, requeiro que V. Ex. consulte o Senado sobre se concorda na sua prorogação por mais 10 minutos.

O Sr. Presidente — O Sr. Senador Antonio Massa requer a prorogação da hora do expediente por mais 10 minutos. Vou submeter a votos o requerimento do honrado Senador antes do requerimento do Senador Irineu Machado, porquanto a approvação deste importa na suspensão da sessão.

Os senhores que approvam o requerimento do Sr. Antonio Massa, queiram levantar-se. (*Pausa*). Foi approvado.

O Sr. Antonio Massa — Peço a palavra.

O Sr. Presidente — Tem a palavra o Sr. Antonio Massa.

No anno de 1889, Carlos de Laet foi eleito Deputado geral pela então Provincia da Parahyba, hoje, Estado que tenho a honra de representar nesta Casa. E' bem verdade que, nesse tempo, eu ainda estava na Faculdade de Direito de Recife e pertencia ao Partido Republicano, cuja propaganda já se ia infiltrando pelas provincias. Tivemos nós, os academicos daquelle tempo, que apresentar: um protesto contra a eleição de Carlos de Laet e contra a do Dr. Pedro Pimentel.

Nesse protesto, não visamos a pessoa do illustre eleito, porque reconheciamos nelle todas as qualidades, todos os dons para representar a nossa provincia como ninguem poderia fazer com mais brilho, naquelle tempo; mas tinhamos como objectivo protestar, como republicanos, contra o procedimento dos politicos, que, sem uma satisfação qualquer, acceitavam dous candidatos desconhecidos pela provincia; não visamos, portanto, a pessoa de Carlos de Laet, mas tão sómente o acto dos politicos locais.

Portanto, admirador que sempre, dahi para cá, fiquei sendo das qualidades de Carlos de Laet, embora lamentando não ter tido a fortuna de com elle manter relações pessoas, sou solidario, como já disse, com as manifestações que o Senado vae tributar á sua memoria, e, assim sendo, acrescento aos requerimentos dos illustres Senadores Antonio Azeredo e Irineu Machado, o meu requerimento, no sentido de que V. Ex. consulte o Senado sobre se, além do voto de pezar na acta dos nossos trabalhos e da suspensão da sessão, consente que a Mesa telegraphie á familia de Carlos de Laet, manifestando o seu pezar, e tambem ao Collegio Pedro II, onde elle foi dos mais notaveis professores. (*Muito bem; muito bem.*)

O Sr. Presidente — O Sr. Senador Azeredo requer se consigne na acta da sessão de hoje um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. Carlos de Laet.

Os senhores que approvam o requerimento de S. Ex. queiram levantar. (*Pausa.*) *Approvado.*

O Sr. Senador Antonio Massa requer por sua vez, que se telegraphie á familia e á Direcção do Collegio Pedro II, manifestando o pezar do Senado pelo fallecimento do illustre brasileiro.

Os senhores que approvam o requerimento de S. Ex., queiram levantar-se. (*Pausa.*) *Approvado.*

O Sr. Senador Irineu Machado requer a suspensão da sessão, como homenagem especial do Senado ao grande jornalista Carlos de Laet.

Os senhores que approvam o requerimento do Sr. Senador Irineu Machado, queiram levantar-se. (*Pausa.*) *Approvado.*

NA CAMARA FEDERAL

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA SESSÃO
DE 8 DE DEZEMBRO DE 1927

AARÃO REIS

"Sr. Presidente, desde que tive hontem conhecimento do infausto passamento de meu velho collega, Sr. Conde de Laet, fiz tenção de proferir, hoje, na Camara, algumas palavras em homenagem á veneranda memoria desse meu illustre companheiro de muitos annos.

Para poupar, porém, á Camara um discurso, que poderia prolongar-se demasiado, sobretudo sendo produzido por um velho, e sendo que, tratando de cousas passadas, é, sempre, a veihice arrastada a excessos, pareceu-me preferivel condensar, esta manhã, em algumas tiras de papel o que desejo dizer á Camara dos Srs. Deputados. Por isso, peço licença para, em vez de proferir as minhas palavras oralmente, ler o que tenho a dizer.

Sr. Presidente, no curto prazo em que tenho a honra, desta feita, de pertencer á Camara dos Srs. Deputados, é a segunda vez — ai de mim! — em que tenho de falar, contra meus habitos, emocionado; eu que, desde bem moço ainda, me esforço, sinceramente, por manter a plena serenidade do meu animo, qualquer que seja a emergencia em que me encontre de momento. E' esse, a *Sli's*, o dever do professor; eu o tenho sido desde menino.

Mas, como, Sr. Presidente, deixar de emocionar-me se venho, pela segunda vez, nesse tão curto prazo de tempo, annunciar, desta tribuna, o desapparecimento, dentre os vivos, dum velho companheiro da longa jornada da vida e do labor indefesso?! ... e quando esse velho companheiro era, no paiz, um dos vultos de maior relevo do nosso tempo, pela cultura excepcional, pelo talento fulgurante, pelo primor do estylo e pelo caracter de inabalavel firmeza, de que dispunha e que, nem com a veihice e os precalços inevitaveis que ella traz, esmoreceram, até o transe final?!! ...

Esse illustre morto de hontem, cujos restos mortaes deverão ser inhumados esta tarde, chamava-se Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, nimamente justa, do Summo Pontifice do Catholicismo, ora o Sr. Conde de Laet; mas que, de facto, por unanime aclamação de seus concidadãos e de seus pares, era o principe das letras nacionaes, nas quaes ninguem, entre nós, dentre os seus contemporaneos, lhe primou na correção vernacula do estylo, no brilho dos conceitos, na clareza da argumentação e, especialmente, na formidavel erudição, não bebida ás pressas nos dictionarios e nas revistas, mas extractificada lentamente e solidamente consolidada.

São, Sr. Presidente, decorridos longos 60 annos — quasi que dia a dia — que nos encontramos no saudoso pateo interno da nossa velha escola technica, que, nesse tempo, 1869, chamava-se, ainda, a *Escola Central*. Eu, aos 16 annos incompletos, iniciava a vida academica como o n. 5 do 1º anno; — Laet era, então, o n. 1 do 2º

anno, porque matriculara-se no 1º anno em 1868, após ter effectivado, — sempre como o 1º de sua turma — o curso interno dos 7 annos lectivos do Imperial Collegio D. Pedro II, donde sahira, em fins de 1867, *bacharel em letras*.

A matricula na Escola Central, nesse tempo, era obtida mediante concurso entre os candidatos, do qual resultava rigorosa classificação; e identica classificação se effectivava para a promoção de um para outro anno lectivo. O alumno Carlos de Laet — sempre brincalhão e duma verve inexcedivel nos intervallos das aulas, versejando expontaneamente com graça e com feliz ironia, fazendo jornalismo e ensinando para viver — manteve, Srs., esse 1º logar entre seus companheiros de anno lectivo, desde o 1º até o 6º anno, estudando mathematica, physica, chimica, sciencias naturaes, construcções, vias ferreas, hydraulica, economia politica, direito constitucional e administrativo e estatistica.

Em nenhuma de tão variadas materias houve collega que lograsse supplantal-o; mesmo aquelles que, estudiosos e talentosos, não distrahiam a attenção — como elle — para estudos e para trabalhos outros, estranhos ao curso scientifico e technico da Escola.

Esta nota, verifica, é bastante para marcar o valor excepcional do moço estudante, que, depois, durante mais de meio seculo, aureolou sua patria e suas crenças religiosas com um brilho que o impoz ao respeito de todos os seus concidadãos, mesmo daquelles que, porventura, o não estimassem pessoalmente.

Combatente inflexivel — cujas armas, poderosas e efficientes, só a morte vae, agora, abater, — é natural que, durante sua longa vida de lutas sem tréguas, em prol de seus idcaes e de suas crenças, fizesse elle alguns desaffectedos — senão, mesmo, alguns inimigos; mas, acredito que, mesmo esses, uma justiça lhe terão feito, sempre, e não deixarão de a fazer á sua veneravel memoria: — a de que foi, em vida, um crente sincero, um pae de familia exemplar, um amigo dedicado, um politico sem vacillações e um cidadão incapaz de mercadejar seus deveres por honras ficticias e muito menos por interesses inconfessaveis.

Para a engenharia nacional foi pena — e bem grande — que não tivesse podido Laet consagrar seu labor fecundo e sua alta capacidade technica ao exercicio dessa nobre profissão, que attrahira sua mocidade, mas da qual desviaram-no, desde logo, cuidados domesticos, que o forçaram a tomar outro rumo. O Brasil, entretanto, não perdeu, de facto, porque, ao engenheiro proficiente, habil e capaz de feitos utilissimos, substituiu um cidadão verdadeiramente polychresto que, num labor infatigavel, durante 60 longos annos, illustrou os mais variados ramos da actividade civica, honrando o nome brasileiro e engrandecendo o patrimonio nacional pelo exemplo fecundo de uma vida gloriosa e utilissima.

Como professor, espalhou o seu saber, profundo e variadissimo, por duas gerações completas de patricios; — como jornalista, emparelhou com os melhores dentre os seus contemporaneos, excedendo a qualquer delles na solidez da sua miraculosa erudição e na agilidade em que esgrimia, na polemica, assombrando os adversarios e o publico com o inesperado de golpes feridos com elegancia, com precisão e com firmesa; — como litterato, impoz a sua competencia no conhecimento do idioma vernaculo de modo a ser-lhe confiada, pela Academia Nacional de Letras, a presidencia final da tarefa meritoria por que porfia esse instituto em firmar, de modo accetavel, a graphia normal da nossa preciosa lingua-

gem; — como cientista, ninguém, no jornalismo nacional, exhibiu melhores e mais irrecusaveis titulos de conhecedor abalisado da sciencia positiva e do cultor entusiasta das locubrações metaphysicas; — como catholico militante, não deixou que outrem qualquer — mesmo dentre os mais notaveis ecclesiasticos brasileiros — excedesse na sinceridade de sua fé, no esforço em que procurava firmalo em solidas fundações e na lealdade com que se vangloriava de a ter, de a cultivar com fervôr e de progagala efficientemente, sempre que possível.

De Laet, Sr. Presidente, pode-se dizer, com a maxima propriedade, que acaba de viver longa vida fructuosa; e, se não lega, aos descendentes directos, bens de fortuna ficticios — cujo valor é movel, hoje em dia, quasi como o vento, lhes deixou o inesgotavel patrimonio de uma vida vivida dignamente como filho, como esposo, como pae, como cidadão prestante e como crente de fé inabalavel, dessa fé que não pode deixar de causar inveja aos que não tem a fortuna, no desenrolar da vida, desse amparo supremo, mais que nenhum outro consolador.

Si não estivessemos já, Sr. Presidente, nos derradeiros dias da nossa tarefa patriotica, sem nenhum orçamento ainda concluido, eu proporia a suspensão da presente sessão em homenagem — indiscutivelmente, merecida — ao grande brasileiro desaparecido; na emergencia actual, entretanto, emitto-me a propor que, da acta conste o sentimento do mais profundo e do mais respeitoso pezar da Camara; e, mais, que se faça esta representar, no enterramento hoje e suas exequias religiosas, por commissão nomeada pelo Presidencia, da qual façam parte alguns dos Srs. Deputados que são membros da Academia Brasileira de Lettras."

(Muito bem; muito bem. O orador é muito abraçado).

HUMBERTO DE CAMPOS

O Sr. Humberto de Campos: — Sr. Presidente, certo me não competia, a mim — membro que sou, embora, da Academia Brasileira de Letras — tomar a palavra neste momento. Representam as letras nacionaes, e principalmente aquella corporação, na Camara, tres brilhantes figuras, qualquer das quaes poderia, sem duvida, exprimir com autoridade mais accentuada, o pensamento de todos nós. Eu preciso, comtudo, externar pessoalmente a magoa que me vae n'alma, a saudade que neste instante me domina e a minha dôr pelo desaparecimento do mestre eminente, e do querido companheiro de Academia, que foi Carlos de Laet.

Não é, evidentemente, opportuno, Sr. Presidente, recordar lendas pagãs, literatura de infieis, ao falar de um espirito religioso como foi o desse illustre brasileiro, cujo desaparecimento aqui lamentamos. A belleza literaria não tem, todavia, nem religião nem patria. E é por isso que me vem á memoria, neste instante, uma lenda mussulmana,

das que mais me commoveram na vida e das que mais alto falaram, nas minhas leituras, á minha imaginação. Certo dia, conta-se, dirigiu-se o Rei Salomão a uma planicie, indo sentar-se no cimo da montanha mais alta. E logo correram a cercal-o, agglomerando-se no valle, não só os povos de todas as raças, os homens de todas as terras, mas, tambem os animaes de todas as especies e as aves de todos os climas. E celebravam, todos, fêras e homens, a gloria do Rei dos Reis, quando se viu surgir no horizonte uma nuvem doirada, a qual se approximou, lenta e leve, do monte que servia de throno ao Sabio dos Sabios. Ao chegar deante do soberano magnanimo, della partiu um braço resplandecente, que empunhava uma taça; e uma voz, que partia da nuvem, bradou, entre o silencio commovido das coisas: "Aqui te trago, Salomão, o vinho da perpetua vida, o vinho da immortalidade. Bebe-o, e serás eterno; bebe-o, e permanecerás, eterno, sobre a terra!"

E então, todos os sêres, — os homens de todas as raças, os povos de todas as regiões da terra, — aves e fêras, — fêras que dormiam nas furnas e aves que dominavam o céu, todos, em côro, clamaram, bradaram numa só voz: "Bebe, Salomão, o vinho da vida eterna!"

O Sabio dos Sabios, Rei dos Reis, possuia, porém, a sua Egéria. Era a pomba Butimar. E immediatamente fez partir, á sua procura, por todos os recantos de espaço, todos os abutres, todas as aves de grande vôo. E veio a pomba Butimar. Veiu e, pousando no hombro, disse: "Não bebas, Salomão, o vinho da vida eterna; não bebas esse nectar porque serias o mais infortunado dos homens, a mais desgraçada das creaturas, o mais desventurado de todos os sêres. Já imaginaste acaso, o que seria o destino daquelle que permanecendo, eterno, na vida, visse desaparecer todos aquelles que amou, todos aquelles que admirou, todos aquelles a que se prendera pelo coração ou pelo espirito? Não bebas, pois, Salomão, o vinho da immortalidade!"

O Sabio dos Sabios recusou a taça; a mão resplandesciente se recolheu á nuvem; e a nuvem desapareceu.

Sr. Presidente, pela angustia que todos nós, homens de letras brasileiros, sentimos neste momento com a quêda de um companheiro glorioso e, particularmente, nós da Academia, com o desaparecimento de um amigo que era nosso mestre, pôde-se imaginar o que seria o soffrimento, a tortura, a desgraça, o tormento do homem que fosse perpetuo na terra; e é movido por esta angustia singular, pelo soffrimento cordial desta hora, que, acreditando traduzir o pensamento dos meus companheiros da

Academia, membros desta Camara, e que depois se farão ouvir, venho trazer estas palavras de solidariedade ao pedido feito á Camara dos Senhores Deputados pelo meu nobre collega Sr. Aarão Reis, para que se concretize, em acta, este voto de tristeza, de saudade e de dôr, pelo desaparecimento de Carlos de Laet. (Muito bem; muito bem. O orador é abraçado).

AUGUSTO DE LIMA

“Sr. Presidente, não havia necessidade, para honrar a memoria do grande escriptor brasileiro Carlos de Laet, de que se accrescentasse mais um elogio aos traços biographicos da sua personalidade, depois das palavras eloquentes do illustre representante do Pará Sr. Aarão Reis, e do não menos illustre confrade de Academia, Deputado pelo Maranhão, Sr. Humberto de Campos.

Se é certo, porém, que não está na orbita do Parlamento tecer o panegyrico do extincto, missão mais propria no Instituto Historico e Geographico de que elle ora ornamento e brilho; se é certo que não cabe á Camara dos Deputados o elogio literario de sua obra de escriptor, em boa hora lembrada pelo meu distinto collega Sr. Humberto de Campos, elogio attribuido á Academia Brasileira de Letras, da qual era o illustre morto o decano e, sem competição, autoridade maxima em assumptos do glorioso idioma nacional — nem por isso podemos separar esses predicados essenciaes do grande vulto de Carlos de Laet.

Já tendo sido, entretanto, summariamente, frisados esses bellos attributos da personalidade do extincto, ficam lhe, ainda, a parte talvez mais substancial da alma, que era a do lutador pelas grandes causas.

Publicista, paladino das idéas liberaes no Imperio, batalhador sem descanso, pelo credo catholico, pela fé evangelica, Carlos de Laet não encontrou no mundo leigo quem com elle pudesse competir no brilho, no denodo, na firmeza de ataques e na inexpugnabilidade da defesa das causas, quer politicas, quer religiosas, ás quaes deu a actividade de toda sua vida.

Jornalista politico, foi no grande orgão do Ministerio 7 de Junho, o combatente que offerecia aos seus chefes politicos o escudo inquebrantavel para as idéas do programma desenrolado pelo venerando e grande brasileiro, Visconde de Ouro Preto.

Quando ruíram as instituições, no choque de 15 de Novembro, ainda aquelle jornal imperterrito, temerario mesmo, se achava ao lado da causa vencida, defendendo com galhardia, com bravura, com abnegação, na previsão, talvez, de um martyrio civico, a causa do throno derrubado.

Ao se extinguir, no incendio da rua do Passeio, esse orgão, essa tribuna em que elle proclamava os principios vencidos, ainda assim o seu espirito liberal se ia refugiar em outras columnas da imprensa, onde continuou a prégar abnegadamente o credo monarchico, que animava as suas tradicionaes convicções politicas.

Catholico, sua acção de propagandista não tinha limites; sua penna era uma clava invencivel, na qual, por vezes, temperava, com a acuidade da sua intelligen-

cia, a ironia que, frequentemente, em meio dos debates, desarmava o adversario no estrondo das gargalhadas, com que era acolhida a satyra fina e irrespondivel.

Talvez seja, mesmo, esse o aspecto — o satyrico, o jovial, o ironista — o mais saliente da sua maneira, do seu estilo de escriptor. Ninguem, entretanto, se illudisse; ninguem tomasse ao pé da letra o tom de ironia, de mordacidade, de epigramma, tão habilmente manejado pelo grande prosador: no fundo occultava-se um coração cheio de ternura, um homem capaz de todos os movimentos da piedade christã, fibras para serem enternecidas pelo affecto da familia, da philantropia, da amizade, em que elle contava innumeradas conquistas, até no campo adversario da politica, ou da religião.

O Sr. Alberico de Moraes — Muito bem.

O Sr. Augusto de Lima: — Colheu, como poucos missionarios da confissão religiosa christã, muitas almas, vencidas pela convicção, pelos seus argumentos, persuadidas pelo exemplo do seu valor affectivo, pela sua enorme dedicação á causa a que se consagrava, o que lhe valeu a grande distincção de ser, pelo pontifice Papa Pio X, agraciado com o titulo de Conde.

Sr. Presidente, bem disse eu, ao começar esta simples oração, estas palavras que aqui estou proferindo, que a biographia de Carlos de Laet não deve ser traçada, aqui, e na hora presente, pois comporta grande desenvolvimento.

Só a enumeração de seus trabalhos tomaria grande parte do tempo e da attenção da Camara.

Desde 1887, conheci o brilho da penna de Carlos de Laet no *Microcosmo*, do "Jornal do Commercio", mais tarde transferido para o *Rodapé* do "O Paiz". Appareceram depois os seus trabalhos de critica literaria, os seus grandes estudos apologeticos, em relação á crença religiosa e aos vultos do catholicismo, e, ultimamente, é preciso que se salientem os esplendores de sua penna, ainda quando bruxoleava a luz daquella existencia. Não ha uma semana, "O Jornal", scintillante orgão de publicidade desta Capital, estampava, como testamento de Carlos de Laet, bellissimo artigo, que elle ditara do seu leito de agonisante.

O Sr. Francisco Morato: — Foi o seu canto de cysne.

O Sr. Augusto de Lima — Associo-me, Sr. Presidente, ao voto de pezar solicitado pelos oradores que se precederam, afim de que chegue ao conhecimento de todo o paiz, depois de ir até o intimo da familia desse grande exemplo de virtudes, o sentimento profundo de magoa, que enluta os membros da Camara dos Deputados e, de certo, reflecte a dôr de todo o coração brasileiro pela perda da maior autoridade que actualmente avultava nos segredos e na sciencia do idioma patrio...

O Sr. Viriato Corrêa — Do maior estylista brasileiro.

O Sr. Augusto de Lima — ... ao qual se dedicou durante toda a sua vida. (*Muito bem; muito bem. O orador é abraçado*).

HENRIQUE DODSWORTH

O Sr. Henrique Dodsworth (pela ordem) requer e obtem permissão para fallar da bancada.

O Sr. Henrique Dodsworth: — Sr. Presidente, depois das orações aqui proferidas pelos illustres Deputados, Srs. Aarão Reis, Humberto de Campos e

Augusto de Lima, nada mais me restaria dizer sobre os traços biographicos da personalidade de Carlos de Laet.

A circumstancia, porém, de ser eu membro do corpo docente do instituto official de ensino onde Carlos de Laet representava uma das expressões mais elevadas da sua autoridade — o Collegio Pedro II — leva-me a associar-me, da tribuna, ao voto de pesar requerido em virtude de seu passamento, em nome do magisterio da Republica e, especialmente, no dos membros presentes da bancada do Districto Federal...

O Sr. Alberico de Moraes: — Muito bem.

O Sr. Adolpho Bergamini: — Associe-me de coração a essa homenagem.

O Sr. Henrique Dodsworth — ... pelos quaes, para isso, fui devidamente autorizado.

O magisterio perde, Sr. Presidente, na pessoa do illustre escriptor, não só uma figura de notavel relevo intellectual, relevo que costumava emprestar, aliás, a todos os aspectos de sua actividade, como um dos professores mais dedicados ao ensino publico. Ainda recentemente, o Sr. Carlos de Laet, podendo valer-se de dispositivo de lei que lhe permittiria abandonar a docencia effectiva do Collegio, preferiu abrir mão do favor legislativo e continuar no exercicio da cathedra.

Poucos professores, no Brasil, se poderiam ufanar de haver influido, como Carlos de Laet, no cultivo da intelligencia de varias gerações. Muitos discipulos seus ainda hoje, na Camara, se referiam, com enternecida saudade, ás aulas do mestre insigne, sob cujos ensinamentos modelaram o seu espirito.

Nada mais, Sr. Presidente, preciso accrescentar para que, em nome do magisterio official e, especialmente, no dos Deputados presentes da bancada do Districto Federal (**muito bem**), me associe ao voto de pesar requerido á Camara pelo fallecimento de Carlos de Laet. (**Muito bem; muito bem. O orador é abraçado**).



NO CONSELHO MUNICIPAL

REQUERIMENTO VERBAL NA SESSÃO
NOCTURNA DE 7 DE DEZEMBRO DE 1927

A. PINTO LIMA

O Sr. Pinto Lima (para assumpto urgente): — Sr. Presidente, antes de V. Ex. pôr em votação o requerimento do Sr. Mauricio de Lacerda, eu pediria a V. Ex., que consultasse o Conselho, certo, de antemão, da sua annuencia, se permite seja inserido em acta um voto de profundo pesar pela morte do Dr. Carlos de Laet, que foi incontestavelmente um grande brasileiro, que não só honrou as letras nacionaes, como o magisterio brasileiro.

O Sr. Mauricio de Lacerda: — Como exemplo de character.

O Sr. Pinto Lima: — Creio que não é preciso fazer maiores elogios do que o que acaba de dedicar-lhe o Sr. Mauricio de Lacerda. Estamos honrando o character de um homem, digno de apreço do Conselho Municipal e da cidade do Rio de Janeiro.

Peço ainda a V. Ex., que nomeie uma commissão de Intendentes para acompanhar o enterro e exequias do illustre escriptor, prestando-lhe e a sua Exma. familia, todas as homenagens que o extincto merecia neste momento de luto e de tristeza para a Patria Brasileira. (Apoiados)

E' approvedo o requerimento verbal do Sr. Mauricio de Lacerda.

E' igualmente, approvedo o requerimento verbal do Sr. Pinto Lima.

O Sr. Mauricio de Lacerda (pela ordem): — pede que conste da acta ter sido approvedo unanimemente o requerimento do Sr. Pinto Lima.

O Sr. Presidente: — Nomeio para a Commissão requerida, os Srs. Malcher Bacellar, Henrique Lagden e Pinto Lima.



CARLOS DE LAET, *o matador*

ASSIS CHATEAUBRIAND

Na minha formação jornalística, li, com particularidade, quatro homens que então militavam na imprensa diária: Ruy Barbosa, Carlos de Laet, Alcindo Guanabara e Eduardo Salamonde. Ruy Barbosa não exercia, quando em 1908 me estreei no jornalismo, a imprensa militante. Ruy fazia questão de ser em todos os sentidos um jornalista, mas na verdade, elle nunca fez o jornalismo como profissão, e sim em função da sua carreira politica. Ruy Barbosa vinha para a arena jornalística quando lhe ditavam, esse apparecimento, as contingencias das suas attitudes de homem de partido. Inculcava-se jornalista; timbrava em ser sobretudo jornalista; orgulhava-se do pendor irresistivel, que havia no seu temperamento, para a vida de imprensa; mas como Chateaubriand, o outro, o grande epico, o que elle era principalmente era um politico para quem o jornalismo, tal qual a oratoria, constituia uma das armas de combate da sua panoplia de lutador. Do officio, Ruy conhecia primorosamente o artigo de fundo, o editorial. Tanto que no diario em que escrevesse, o seu artigo, enorme, abrangia o jornal todo. O publico comprava apenas para lê-lo.

Alcindo e Salamonde eram mais homens de imprensa; entendiam muito mais profundamente da sua arte. Um artigo de fundo, um topico de Alcindo Guanabara ou Eduardo Salamonde, na "Imprensa" ou no "O Paiz", eram paginas de uma concisão, de uma sobriedade, de uma penetração, onde o iniciado reconhecia para logo as qualidades mestras do doutrinador.

Ha quinze annos, a imprensa carioca, sem a publicidade excellente de que dispõe hoje, tinha todavia muito mais esplendor intelectual e revelava muito maior capacidade profissional nos homens que a dirigiam. Alcindo Guanabara ou Salamonde eram dois articulistas completos. Foi lendo-os, que adquiri em grande parte desde cedo a convicção de que o raciocinio é um argumento mais sério do que um adjetivo contundente. E' uma tristeza quando vemos hoje occupadas de uma prosa mediocre, sem malicia, as columnas que elles encheram de uma doutrina, da qual podiamos divergir, mas que era sempre apresentada sob a fórma mais elevada, parecendo escripta de luvas brancas e punhos de renda. Como padrão de cultura, não é possível ver descido mais baixo do que está actualmente o nivel do jornalismo carioca.

De Carlos de Laet consegui reunir, quando estudante de humanidades, na provincia, para mais de 400 artigos. Elle mesmo se assombrou, quando lhe communiquei a massa de trabalhos seus que eu possuia na minha miscelanea de estudante. O traço marcado da personalidade jornalística de Laet era o pamphleto. Publicista, humanista, philologo, ensaista, critico de religião, o que distinguia de modo especial a sua personalidade de escriptor era a polemica — genero antigo, meio em decadencia, mas em que o velho

jornalista esgrimia com estocadas de genio. Ruy Barbosa só tinha mais do que elle, folego. Laet era um adversario muito mais temivel, muito mais perigoso do que Ruy. Este era incapaz de ironia, de malicia, de graça. Quando pretendia fazer verve, era quasi grotesco. Ruy tem uma pagina contra o senador Gabriel Salgado, que é bem um trecho de prosa buffa. Nunca na minha existencia vi incapacidade maior para a ironia ou a satyra, do que revelava Ruy Barbosa. Dahi a grande melancolia da sua prosa.

Em Laet, era este o genero predilecto, que elle exercitava com maestria incomparavel. Matava um adversario com uma phrase, com uma piada. A artillaria da piada, que brandia Villemessant, era a sua arma favorita. Quem fosse por elle alvejado, não escaparia. Tinha nas mãos farpas, e a sua volupia era a do matador, na praça de touros. Sorria, embebendo cada uma dellas, na carne viva, palpitante, do adversario.

Quando, em 1919, assumi, a chefia da redacção do "Jornal do Brasil", com elle insisti, de todo o modo, para retomar o seu posto de collaborador, ali. Não quiz. E foi apenas em 1925, depois que rompeu com o governo Bernardes, que accitou o convite que lhe fizera O JORNAL, em outubro de 1924, para nos dar a sua collaboração.

O ultimo artigo de Laet, que foi escripto quinta-feira, para O JORNAL, tem uma significação impressionante. O velho pamphletario, já nos ultimos dias, alquebrado, a derradeira pagina que fiseou da sua intelligencia fascinante foi um protesto contra a barbaria, maior do que a guerra civil, da erecção de um monumento em São Paulo aos que se bateram pela legalidade bernardista. Carlos de Laet não se eximio, no leito de dor, ao dever de lançar um brado contra essa perpetuação dos rancores da guerra civil, num paiz que ella acabava de devastar.

Desse modo, o desenlace do grande jornalista tem qualquer coisa de heroico. Como Cyrano de Bergerac, elle fecha os olhos, tendo ainda a espada na mão, para varar os preconceitos estupidos do facciosismo. Carlos de Laet póde dizer-se que recebeu a morte de pé como um matador, na praça de touros.

O Jornal, 8 de Dezembro de 1927.



CARLOS DE LAET

JACKSON DE FIGUEIREDO

A morte de Carlos de Laet, de quem me separaram ao fim da sua vida, as funestas dissensões políticas destes ultimos tempos, fôrça todas as asperezas do coração, destróe-as, mesmo, para que eu só ouça o que me diz a consciencia em face da sombria majestade desta scena: o lutador que jaz por terra, vencido, emfim, mas pela lei da propria natureza.

A morte dos homens de luta, porém, e que lutaram sempre no dominio das coisas reaes, e não quizeram passar como espectros de idealismos mais ou menos obscuros; a morte dos homens que, de posse das verdades eternas, jámais sahiram, no entanto, do terreno dos factos, tem algo de ainda mais mysterioso que a dos outros homens — lutadores ou não — mas para quem a vida foi a constante elaboração do que quer que seja de parecido com um sonho.

A morte dos homens como Carlos de Laet esclarece, de modo como sobrenatural, esta espantosa duvida de cada um de nós: o que vale uma vida, o que vale um esforço individual, na ondulantie, inextricavel trama da vida social, da vida humana, emfim.

Sabe-se, desde que elles desaparecem — os homens como Laet — que falta alguma coisa de real, de palpavel, de “contavel” á sociedade do seu tempo, e ainda por muito tempo.

A obra de um creador, em qualquer ordem da vida litteraria, ficará substituindo-o, e, ás vezes, até com vantagem na imaginação dos seus contemporaneos ou das futuras gerações.

Mas um lutador como Laet não vive somente na imaginação dos homens, vive na “vida” delles, della faz parte, por assim dizer, é um dos factores, um dos elementos de orientação em tudo quanto distingue o bem do mal, o que significa: em todas as questões que interessam verdadeiramente a vida das creaturas humanas.

A sua actividade abrange não só os actos humanos mas tambem os actos do homem, segundo a distincção classica, abrange-os, porque o que elle visa é, antes do mais, levar estes a se integrarem na ordem daquelles pela transformação interna da reflexão, da meditação e da crença.

Vivo, um homem tal, é natural que semeie odios, é natural que o odeiem todos quantos se fazem, conscientes ou não, defensores das situações dubias, das pesturas da deleitosa preguiça ou da covardia confessavel.

Peor ainda: elle fará injustiças, ferirá quem não o merece, não se defenderá também de paixões violentas, só, pelo habito da luta, objectivadas com apparente serenidade.

Mas o bem geral da sua obra, da sua incisiva actuação em meio dos homens, este sobrepõe-se, soberanamente, a essas falhas de toda a actividade propriamente humana.

Uma coisa sabem todos e é que neste ou naquella debate, nesta ou naquella decisão, neste ou naquella choque de interesses, é força contar com a voz, com a consciencia do lutador, que pesará deste ou daquella lado, e é preciso contar como se, de facto, ella fôsse uma parte integrante da opinião publica, ou pelo menos, da opinião dos homens que conquistaram o direito de ter opinião.

Morto Carlos de Laet, todos nós, hoje em dia, lhe rendemos, quase insensivelmente, esta homenagem: se o Laet ainda vivesse esta opinião não seria dada, assim ás claras, contra os interesses da Igreja, este juiz da extincta monarchia seria mais commedido no exercicio da sua maledicencia...

E' a falta, a falta positiva, imposta ao senso interno quase como aos sentidos a ausencia do gigantesco vulto de montanha que compunha, que dava um ar de heroicidade á paisagem material.

Sem perdoar, nem mesmo á sua memoria (pois peccado maior seria aqui injurial-a com uma mentira) o que considerei injustiça delle para commigo, e após tantos annos em que lhe demonstrara a mais respeitosa amizade, sinto-me honrado, no entanto, com render-lhe publicamente esta homenagem que, estou certo, elle ainda saberia prezar, porque é a de uma consciencia que terá erros iguaes aos seus, mas que, se bem que não com o mesmo brilho, só tem trilhado os mesmos asperos caminhos de luta, os caminhos que elle amava: os dos combates em pról da Igreja de Jesus Christo, e das idéas que a aceitação da sua fé como que naturalmente impõe ao senso commum.

"Se a vida — dizia ha pouco tempo a nobre alma da Condessa de Noailles — se a vida, com as suas numerosas e difficéis circumstancias, nos separou dos nossos amigos, a morte cruel, por um odioso dom, nos dá, de novo, subita e inteiramente, na sua desolante irrupção, pelo seu choque de tantas resonancias, seu immediato e profundo appello á memoria."

E' o que se dá commigo, neste momento, em relação a Carlos de Laet.

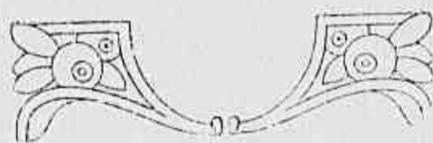
Nada vejo senão aquelles oitenta annos de soberana energia posta a serviço da causa de Jesus Christo e da sua Igreja, formidavel figura de lutador que imprime masculinidade e vigor ás linhas mestras da

acção social catholica ,num meio, como o nosso, tão infenso ás mais necessarias e elementares distincções entre a verdade e o erro.

Eu não me preoccupo aqui nem com o que foi Laet como escriptor, como estilista, como ironista ou com qualquer outra feição da sua actividade intellectual.

O que eu quero vêr é o que não vejo mais, o que eu quero homenagear é ao seu vulto de lutador quase incomparavel, na historia destes ullimos cincoenta annos de vida brasileira.

Sou dos que sentem realmente que o Brasil perdeu um homem de verdade, sou dos que sentem realmente que está faltando alguma coisa de sério e de forte na orchestração das nossas angustias, das nossas duvidas, das nossas lutas sociaes.



O ULTIMO COMBATE DE CARLOS DE LAET

O BATALHADOR, QUE IA MORRER DAHI A CINCO
DIAS, PEDIU MISERICORDIA PARA AQUELLES
QUE AINDA IAM VIVER

MOZART MONTEIRO

(Para O JORNAL)

Não podem ser indifferentes ao paiz as ultimas palavras que Carlos de Laet escreveu para o publico.

Em Carlos de Laet, o que o Brasi perde neste momento não é só um educador illustre; não é só um publicista brilhante e culto, que honrou durante mais de meio seculo as letras nacionaes: — é tambem um homem de caracter.

Salientar o traço do caracter na complexa personalidade de um homem de letras, que morre aos oitenta annos de idade, depois de ter lutado com a penna desde a juventude até quasi o momento de descer ao tumulo, — é fazer, a esse vulto, um elogio que poucas vezes se poderá repetir no Brasil contemporaneo.

Esse elogio, entretanto, póde fazer-se, com justiça, a Carlos de Laet.

Poucos hemens terão manejado neste paiz penna mais valente; poucos terão travado, no terreno da palavra escripta, maior numero de combates ardorosos; raros terão, como elle, grangeado tantas victorias.

Combateu firmemente durante mais de cincoenta annos contra adversarios de todos os portes; contra idéas de todos os quilates; contra preconceitos de todas as castas.

Polemista vigoroso e habil, sabendo accommetter e recuar conforme as circumstancias, Laet, ainda moço, enfrentava Camillo Castello Branco, para, depois, com esporas de cavalleiro, com o cinturão de ouro conquistado nesse combate, pelejar com adversarios que não tiveram nem a força nem a destreza de Camillo.

Nos duellos da palavra, quer falada, quer escripta, ha casos em que a victoria não se sabe com quem ficou.

Laet, maneando uma penna de mestre; que ora parecia um florete, ora se afigurava um punhal, ora recordaria delicada agulha, devia de conhecer todas as regras, todos os segredos, todos os mysterios da arte de lutar com a palavra escripta. Dahi, a sua temibilidade na polemica, no commentario ou na critica. Dahi, tambem, dar elle a impressão de nunca ser vencido nas pelejas que sustentava.

Já octogenario e quasi cego, alimentou durante mezes uma campanha jornalística, na qual conseguiu interessar a opinião do paiz, — essa opinião que, variavel e renovada, sempre admirou a penna que, em mais de meio seculo, ora embebida em sarcasmo, ora revestida de ironia, ora mergulhada em piedade, sen-

pre scintillou, quer ao serviço da Corôa ou dos principios monarchicos, quer ao serviço de Deus ou da Igreja Catholica.

Homem de fé e homem de character, elle chegou aos oitenta annos sustentando e propugnando as mesmas crenças religiosas e os mesmos principios politicos que esposara na mocidade.

Derribada a monarchia, Laet atravessou quarenta annos de regimen republicano sem adherir á Republica. E a prova de que, sem alienar os seus principios monarchicos, nunca desejou o mal da Republica e sempre aspirou á felicidade da Patria, está em tudo o que elle fez ou escreveu na vigencia do actual regimen, e sobretudo nas ultimas palavras que publicou, cinco dias antes de morrer.

Taes palavras são as que constam do artigo que Laet inseriu no O JORNAL do dia 2 e que se inscrevem sob o titulo de "Divisão Nacional".

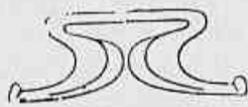
Nesse escripto, que foi o derradeiro que saiu da sua penna, o grande lidador, o campeão de numerosas batalhas da intelligencia, mostrando ainda um vigor e um brilho espirituaes que não pareciam de um moribundo, ergueu pela ultima vez a sua palavra para, exprimindo um anseio, que é tambem o da nação, clamar pela amnistia.

Recordando que era essa a medida que adoptava Cesar nas lutas civis de Roma, e apontando, mesmo no Brasil, o exemplo de Caxias na Guerra dos Farrapos, — o grande lutador, encerrando essas suas palavras e terminando a sua vida de campanhas, não hesitou em dirigir-se ao presidente da Republica, aconselhando a concordia.

Permitta Deus que a heroica penna que se quebra ainda valente, e que, no seu canto de cysne, supplica fraternidade, não ha riscado em vão as palavras que deixou nesse escripto e que merecem ser recordadas como se tivessem sido insculpidas na rijeza do marmore.

O batalhador, que ia morrer dahi a cinco dias, pediu misericordia para aquelles que ainda iam viver.

9 de Dezembro de 1927.



A OBRA DE CARLOS DE LAET

GONÇALO JORGE

Um homem que tem uma virtude preciosa — é fiel aos amigos mortos — o Sr. Benevenuto Berna, propõe o levantamento de uma estatua a Carlos de Laet. Appella nesse sentido para os catholicos do Rio — e promptifica-se a dar, elle proprio, a parte artistica do trabalho.

Eis uma nobre idéa, e com a qual todos estarão de pleno accordo, independente dos dogmas que abraçarem.

E' certo que Carlos de Laet foi um grande defensor da religião, e isso lhe valeu por parte de um centro espirita as mais atrozes aggressões. Cumpre acrescentar que elle jamais se sentiu attingido por essas aggressões e que sempre as respondeu com aquella destra elegancia de que tinha o segredo.

Ninguem no Brasil teve uma vontade mais forte de escalar os caminhos do Céu e conseguir um logarzinho azul na bemaventurança. E, não obstante a irreverencia natural do seu espirito, elle nunca teve para os dogmas da Egreja, senão uma unção da fé, esperanza e piedade.

Mas isso não quer dizer que sómente aos catholicos deva caber a iniciativa de erguer uma estatua a Carlos de Laet.

Elle foi um homem de grande gosto, um artista, um escriptor do mais raro talento. Todos quantos prezarem essas qualidades desejarão contribuir para esse monumento.

Sempre tive um grande receio das estatuas no Brasil. Aqui parece que um máo destino pesa sobre os poetas, e os escriptores, determinando que os mais bellos e harmoniosos entre elles sejam victimas dos esculptores mais ineptos. Nabuco, Castro Alves e Olavo Bilac soffrem, nas praças publicas de Recife, São Salvador e S. Paulo, injurias crudelissimas. E quem já observou as *maquettes* para uma estatua a Machado de Assis, — *maquettes* que se conservam na Academia Brasieira — sabe comprehender a iniquidade com que os nossos artistas, numa commovente unanimidade, pretenderam castigar aquelle que commetteu o crime de escrever romances lindos.

Quanto a Laet, não sei que impressão elle teria sobre uma estatua. A alma dos homens é fragil. E mesmo aquelles que não acreditam na razão das homenagens publicas, ao recebel-as, sentem a alma inundada de delicias. O mais sceptico, o mais indifferente dos espiritos, quando ouve, nos Campos Elyseos, a noticia que lhe leve o genio Camillus de que lhe foi tributada uma homenagem publica, sentir-se-á commovido, na alegria de pensar que a sua lembrança persistirá durante algum tempo — dias, annos, ou seculos, não importa... — na terra onde a memoria dos homens é tão passageira.

Com referencia a Carlos de Laet, nós lhe devemos muito. Elle representava o que nós tinhamos de mais verdadeiro e mais exacto, na arte de escrever. Manejando essa lingua complexa — em que os escriptores ou se tornam puristas e passam a viver entre mumias, resuscitando os modelos insopportaveis dos

velhos rhetoricos, como o Padre Vieira, ou então desdenham esses modelos, para escreverem numa gíria impura, entremeiada de expressões adventicias, cheia de vocabulos forasteiros — elle soube guardar-se sempre desses dous extremos. Sua prosa tem a pureza, a medida dos classicos e tem tambem a novidade a frescura, a graça dos dias de hoje. Mais tarde, elle será, naturalmente, tomado como exemplo do classico brasileiro de agora. E com que filial cuidado esse erudito defendia a cultura brasileira contra as perigosas tentativas de um regresso as idéas portuguezas! Elle sempre foi, na Academia, uma sentinella desperta contra a orthographia official lusitana.

Por tudo isso — pelo consciencia dos seus processos, pela fecundidade de sua obra multiplicada prodigiosamente em artigos, alguns dos quaes são verdadeiras obras primas — eu estou plenamente de accordo com a idéa do Sr. Benevenuto Berna.

Mas ha alguma cousa que acho mais urgente do que essa estatua.

A obra de Carlos de Laet, está perdida em jornaes dispersa nas collecções das folhas cariocas. Aquelle que teve uma fecundidade maravilhosa no escrever, e que durante decennios encheu columnas de jornaes da prosa mais bella, não deixou livros que encerrem o testemunho de seu talento. Ha pessoas que guardam seus artigos. Um amigo meu possui, em Recife, cerca de quatrocentos trabalhos de Carlos de Laet — e isso encerrando trabalhos escriptos até 1915. Eu proprio, que sou um pessimo archivista, não tendo recebido dos deuses nem o dom da Ordem nem o dom mais precioso da Paciencia, tenho guardadas dezenas de artigos dos ultimos tempos de Carlos de Laet.

Ora, parece-me que recolher seriadamente esse artigos, organizar com elles uma obra duravel, brilhante de ironia, de satyra e de humor, seria mais util do que o levantamento de uma estatua. O monumento poderia vir depois.

Diante de uma estatua, ninguem tem a verdadeira impressão da grandeza de um homem que passou a vida a escrever. No fundo, a literatura é indifferente ás massas. Um homem inculto, ao contemplar uma estatua, saberá reconhecer aquelle que essa estatua perpetua, se se tratar de um heroe, de um guerreiro, ou mesmo de um homem de Estado. Eu creio que não ha no Rio quem deixe de saber que uma determinada estatua representa Floriano Peixoto, e que uma outra representa D. Pedro I, e que uma terceira representa o Duque de Caxias.

Mas com os poetas, os artistas, os escriptores, o caso é differente. Bem poucos daquelles vagabundos que á noite fazem os seus sonhos de amor nos bancos do Passeio Publico saberão que os bustos que alli existem representam homens que se chamaram Fagundes Varella ou Gonçalves Dias.

Não sei se o proprio governo da Republica poderia autorizar a concessão da verba para custear as despesas com a publicação da obra de Carlos de Laet. Sei, porém, que, se o governo, premido pelas necessidades e as angustias de uma grande crise, não no puder tentar, os amigos do escriptor morto poderão corajosamente fazel-o.

Quanto a mim, eu estou prompto a pôr á disposição das commissões que para isso se organizarem o pouco que, pelo meu lado, puder fazer.

A OBRA DE CARLOS DE LAET

GONÇALO JORGE

Um homem que tem uma virtude preciosa — é fiel aos amigos mortos — o Sr. Benevenuto Berna, propõe o levantamento de uma estatua a Carlos de Laet. Appella nesse sentido para os catholicos do Rio — e promptifica-se a dar, elle proprio, a parte artistica do trabalho.

Eis uma nobre idéa, e com a qual todos estarão de pleno accordo, independente dos dogmas que abraçarem.

E' certo que Carlos de Laet foi um grande defensor da religião, e isso lhe valeu por parte de um centro espirita as mais atrozes aggressões. Cumpre acrescentar que elle jamais se sentiu attingido por essas aggressões e que sempre as respondeu com aquella destra elegancia de que tinha o segredo.

Ninguem no Brasil teve uma vontade mais forte de escalar os caminhos do Céu e conseguir um logarzinho azul na bemaventurança. E, não obstante a irreverencia natural do seu espirito, elle nunca teve para os dogmas da Egreja, senão uma unção da fé, esperanza e piedade.

Mas isso não quer dizer que sómente aos catholicos deva caber a iniciativa de erguer uma estatua a Carlos de Laet.

Elle foi um homem de grande gosto, um artista, um escriptor do mais raro talento. Todos quantos prezarem essas qualidades desejarão contribuir para esse monumento.

Sempre tive um grande receio das estatuas no Brasil. Aqui parece que um máo destino pesa sobre os poetas, e os escriptores, determinando que os mais bellos e harmoniosos entre elles sejam victimas dos esculptores mais ineptos. Nabuco, Castro Alves e Olavo Bilac soffrem, nas praças publicas de Recife, São Salvador e S. Paulo, injurias crudelissimas. E quem já observou as *maquettes* para uma estatua a Machado de Assis, — *maquettes* que se conservam na Academia Brasílica — sabe comprehender a iniquidade com que os nossos artistas, numa commovente unanimidade, pretenderam castigar aquelle que commetteu o crime de escrever romances lindos.

Quanto a Laet, não sei que impressão elle terá sobre uma estatua. A alma dos homens é fragil. E mesmo aquelles que não acreditam na razão das homenagens publicas, ao recebê-las, sentem a alma inundada de deficias. O mais sceptico, o mais indifferente dos espiritos, quando ouve, nos Campos Elyseos, a noticia que lhe leve o genio Camillus de que lhe foi tributada uma homenagem publica, sentir-se-á commovido, na alegria de pensar que a sua lembrança persistirá durante algum tempo — dias, annos, ou seculos, não importa... — na terra onde a memoria dos homens é tão passageira.

Com referencia a Carlos de Laet, nós lhe devemos muito. Elle representava o que nós tinhamos de mais verdadeiro e mais exacto, na arte de escrever. Manejando essa lingua complexa — em que os escriptores ou se tornam puristas e passam a viver entre mumias, resuscitando os modelos insopportaveis dos

velhos rhetoricos, como o Padre Vieira, ou então desdenham esses modelos, para escreverem numa gíria impura, entremeiada de expressões adventicias, cheia de vocabulos forasteiros — elle soube guardar-se sempre desses dous extremos. Sua prosa tem a pureza, a medida dos classicos e tem tambem a novidade a frescura, a graça dos dias de hoje. Mais tarde, elle será, naturalmente, tomado como exemplo do classico brasileiro de agora. E com que filial cuidado esse erudito defendia a cultura brasileira contra as perigosas tentativas de um regresso as idéas portuguezas! Elle sempre foi, na Academia, uma sentinella desperia contra a orthographia official lusitana.

Por tudo isso — pelo consciencia dos seus processos, pela fecundidade de sua obra multiplicada prodigiosamente em artigos, alguns dos quaes são verdadeiras obras primas — eu estou plenamente de accordo com a idéa do Sr. Benevenuto Berna.

Mas ha alguma cousa que acho mais urgente do que essa estatua.

A obra de Carlos de Laet, está perdida em jornaes dispersa nas collecções das folhas cariocas. Aquelle que teve uma fecundidade maravilhosa no escrever, e que durante decennios encheu columnas de jornaes da prosa mais bella, não deixou livros que encerrem o testemunho de seu talento. Ha pessoas que guardam seus artigos. Um amigo meu possui, em Recife, cerca de quatrocentos trabalhos de Carlos de Laet — e isso encerrando trabalhos escriptos até 1915. Eu proprio, que sou um pessimo archivista, não tendo recebido dos deuses nem o dom da Ordem nem o dom mais precioso da Paciencia, tenho guardadas dezenas de artigos dos ultimos tempos de Carlos de Laet.

Ora, parece-me que recolher seriadamente esse artigos, organizar com elles uma obra duravel, brilhante de ironia, de satyra e de humor, seria mais util do que o levantamento de uma estatua. O monumento poderia vir depois.

Diante de uma estatua, ninguem tem a verdadeira impressão da grandeza de um homem que passou a vida a escrever. No fundo, a literatura é indifferente ás massas. Um homem ineulto, ao contemplar uma estatua, saberá reconhecer aquelle que essa estatua perpetua, se se tratar de um heroe, de um guerreiro, ou mesmo de um homem de Estado. Eu creio que não ha no Rio quem deixe de saber que uma determinada estatua representa Floriano Peixoto, e que uma outra representa D. Pedro I, e que uma terceira representa o Duque de Caxias.

Mas com os poetas, os artistas, os escriptores, o caso é differente. Bem poucos daquelles vagabundos que á noite fazem os seus sonhos de amor nos bancos do Passeio Publico saberão que os bustos que alli existem representam homens que se chamaram Fagundes Varella ou Gonçalves Dias.

Não sei se o proprio governo da Republica poderia autorizar a concessão da verba para custear as despesas com a publicação da obra de Carlos de Laet. Sei, porém, que, se o governo, premido pelas necessidades e as angustias de uma grande crise, não no puder tentar, os amigos do escriptor morto poderão corajosamente fazel-o.

Quanto a mim, eu estou prompto a pôr á disposição das commissões que para isso se organizarem o pouco que, pelo meu lado, puder fazer.

A NOTA

LAET

BENJAMIM COSTALLAT

O que de mais notavel havia, naquelle illustre anciação, era a mocidade de seu espirito.

Nesta terra de tristes e de melancolicos, Carlos de Laet, com os seus oitenta annos, admiravelmente lucidos e brilhantes, era uma excepção quasi escandalosa.

E o poder de sua penna, e a elegancia da sua ironia, destacavam-se na camada pesada dos velhos homens de letras soporificantes de sua geração, e destacavam-se tambem entre os modernos escriptores pela pureza de seu vernaculo, a boa estrutura da sua linguagem, e as fontes legitimas de sua cultura.

Era um classico e um moderno ao mesmo tempo. Classico pela fôrma castiça. Moderno pelas suas irreverencias "jazz-bandescas", e pela sua encantadora simplicidade de estylo.

Laet morre sem deixar successor.

Sua critica mordaz e profunda, o geito com que feria ás vezes, até de morte, os grandes ridiculos, a perversidade sorridente, e a alegria e o bom humor de seus terriveis ataques — com elle desaparecem.

Era um espirito gaulez, escrevendo na lingua de bem quilate de um Castilho.

Scndo um catholico fervoroso, em litteratura era, entretanto, irmão intellectual de Rabelais, de Montaigne, de Molière e de Voltaire.

Fazem hoje oito dias, elle ainda publicava o seu ultimo artigo.

Morre como um verdadeiro profissional da intelligencia, no seu posto de combate, escrevendo até o fim, e, o que é mais difficil, sempre dono de seu publico.

O publico jamais o abandonou, como já o fez a varios escriptores mais moços do que elle, porque Carlos de Laet não envelhecia...

Atravessou varias gerações, sem que o seu nome litterario tomasse o bolor que os annos e o desinteresse eriam em torno daquelles que passam de época...

Elle era o mais velho, mas, tambem, o mais moço de todos nós!...

Jornal do Brasil, 8 de Dezembro de 1927.

CARLOS DE LAET

JOAQUIM DE SALLES

Foi no Seminário do Rio Comprido, em 1900, que vi pela primeira vez o Dr. Carlos de Laet. De alguma forma havia realizado uma das maiores aspirações da minha infância. No Caraça, onde iniciei os meus estudos e passei os tres annos mais felizes da minha vida collegial, não se fallava em outro grande nome nacional. Nas discussões de grammatica, na apreciação dos autores, no estudo da historia, na critica litteraria, nas polemicas pela imprensa o nome que afluava em todos os labios era o de Carlos de Laet. Tinha mesmo a impressão de que já o conhecia pessoalmente de ha muito, quando fui apresentado ao mestre incomparavel.

No famoso Caraça a sua autoridade tinha algo de oracular. Era a "ultima ratio" para tudo. E foi assim que despertou em meu espirito uma profunda admiração pelo jornalista insigne.

Laet sabia tudo: linguas, sciencias physicas e mathematicas, historia, geographia, tudo, absolutamente tudo. Depois era elle um homem que fizera a critica de João Ribeiro, outro mytho para mim, e João Ribeiro respeitava e proclamava a sua indiscutivel autoridade de mestre. Camillo era um malcreado e Laet passou-lhe uma coça, sendo ainda apenas um adolescente. Theophilo Braga não teve sorte melhor que a de Camillo.

Na minha imaginação, Laet era um nome magico. Elle sabia tudo e parecia saber tudo melhor que todos. Mais tarde deparou-se-me ensejo de lhe dizer a grande curiosidade que tinha de o conhecer pessoalmente pela honra de estar frente a frente com um "batuta" da sua elevada categoria. Elle sorriu e perguntou-me se não havia experimentado alguma decepção. Em regra, quando a gente divisa de longe um vulto, parece estar vendo um phantasma. Depois, com a approximação, é um trapo pendurado de certo geito...

Com Carlos de Laet, porém, deu-se commigo o contrario. Quanto mais me approximava d'elle, maior me parecia a sua figura. E foi assim durante vinte e sete annos!

Tinha defeitos. Não eram poucos e não eram pequenos. A sua habilidade consistia em servir-se delles como armas terriveis, nas horas do aperto. Era muito de seu posto ajustar contas opportunamente com os seus adversarios. Sabia esperal-os na melhor encruzilhada. Não os poupava e não tinha compaixão

de nenhum. Seu maior prazer era esmigalhar o antagonista, operação a que procedia como se fôra um cirurgião lealmente, friamente.

Seu espirito original, posto que profundamente religioso, não experimentava a menor incompatibilidade com essa especie de maldade exaltada. De certa maneira dava-me a impressão de um carrasco official no desempenho de um doloroso dever, mas afinal de um dever.

Era de uma sensibilidade extrema. Melindrava-se por nada e raramente reagia com egualdade de armas. A menor offensa, ao menor descuido ainda de um amigo de muitos annos, revidava com a maior violencia sob o ponto de vista do sarcasmo e da perversidade.

A offensa aqui não é no sentido de um aggravo á sua pessoa. Não. Se Laet escrevia sobre qualquer assumpto e o encarava sob um certo aspecto, a menor contradicção era repellida com quatro pedras de feroz ironia; e, se apparecia a réplica, riportava quasi sempre cruelmente.

Ha no Rio um homem mais velho que o grande morto seis ou sete annos. E' um sabio em toda a extensão do vocabulo. Durante muitos annos andou anciosamente á procura da verdade religiosa. Fez-se espirita. Foi positivista. Estudou quasi todos os credos, até os mais exóticos. Nesses annos passou 25 annos de uma vida torturada. Uma bella manhã entrou ao acaso numa modesta capella de roça. Um humilde sacerdote, cheio de virtudes, mas sem grande altura, explicava á boa gente da sua parochia o evangelho do dia. O sabio sentiu-se tocado deante daquela allocução repassada de piedosa unção e simplicifício, atirou-se aos pés do velho padre. Confessou-se contrictamente. E sahio da Casa do Senhor um outro homem — cheio de arrependimento e de fé.

Mais tarde dedicou-se á apologetica catholica, tendo sempre a virtude de declarar humildemente que muitos annos andou nas trevas, inimigo e longe da verdade.

Certa vez contrariou um ponto de doutrina historica sustentado por Laet, seu vizinho, seu correli-gionario e seu amigo. Laet retorquiu com a habitual vivacidade, dizendo ao velho lidador da causa da igreja que não recebia as suas lições porque, quando elle ainda vivia mettido com o positivismo ou nas abusões do espiritismo, elle Laet já defendia a religião ha muitos annos, a religião na qual nascera e de que nunca se apartou.

O seu antagonista não se magoou. Sabia bem que quando quizesse um modelo para um lar feliz e christão não tinha mais do que tomar o caminho da casa do seu pouco generoso amigo; mas em todo o caso a pecha que lhe lançava em rosto de seus erros anti-

gos bem a merecia, porque suas faltas passadas o obrigavam a uma longa e penosa expiação. E nenhuma era mais penosa do que a que lhe infligia seu mestre e seu amigo.

Nada disso, entretanto, diminue o merito de Carlos de Laet. Seu temperamento era este mesmo. Não o modificou em pequeno. Em grande fôra tarefa invencível affeioal-o a moldes diversos.

Afóra essas arremettidas inevitaveis, era um espirito alegre e summamente affavel. Queria a alegria em torno de si e, por isso mesmo, tinha sempre uma palavra opportuna, um chiste original, uma anedocta a proposito. Em tudo, porém, via-se o cunho do seu inflexivel caracter.

Ao tempo do governo provisorio, um dos meios para fazer esquecer a monarchia consistia na eliminação dos symbolos imperiaes dos edificios publicos. Nos gradis do Campo de Sant'Anna, transformado em Praça da Republica, havia as corôas imperiaes substituidas pela estrella republicana, posto que não se houvesse lembrado de tirar dos portões a data de 1872.

Dando aula de portuguez no Pedro II, dizia Laet aos seus alumnos: — "Meus caros discipulos, a nossa licção de hoje é sobre "syntaxe de regencia". Reputo o thema suspeito... A republica não admite nem os symbolos imperiaes nas grades dos jardins! Acho melhor suspendermos a respeito da licção de hoje a nossa opinião. Aguardemos os acontecimentos. E' possivel que o Provisorio mande substituir a "syntaxe da Regencia" pela "syntaxe da Republica".

Reparada mais tarde a violenta jubilação a que o forçou o Provisorio, Laet voltou á sua cadeira e á direcção do Pedro II. Nesse tempo appareceu a graça de exames por decreto. Cada candidato tinha direito a requerer quatro preparatorios. Foi quando lhe appareceu no gabinete um garoto de 14 annos:

— Sr. director, venho requerer tres preparatorios apenas: portuguez, francez e latim. Não requeiro inglez porque reconheço a necessidade de o estudar mais um anno.

Laet mirou o pequeno de soslaio e aconselhou-o:

— Meu filho, continue burro, mas não seja besta. Requeira os quatro preparatorios.

A brincadeira evidentemente não era contra o pequeno, mas visava o original disparate do governo.

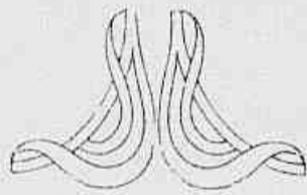
Comquanto não admittisse graças comsigo, tinha sempre uma deliciosa pilheria para tudo e para todos. Raramente se esquecia de atacar de passagem os melhores amigos do adversario, para o machucar, para o excitar, para melhor marcal-o, como se fôra um toureador provocando um touro bravo num redondel de Sevilha. Enterrava-lhe assim com maior prazer as farpas da sua ironia e, se necessario, da sua elegante maldade.

Laet restabelecera-se de uma de suas ultimas enfermidades. Seus amigos fizeram celebrar missa festiva de acção de graças. No côro se fez ouvir a voz ainda fresca e avelludada de uma senhora, sua amiga aliás tem inventado para a divulgação do pensamento" (13), de côr. Finda a cerimonia, Laet dirigiu-se a um dos da commissão: "Quero agradecer á senhora que cantou. Como se chama?" Informado, observou: "Curioso! Antigamente mettia-se o couro nas negras. Hoje são as negras que se mettem no côro..."

Apezar de tudo, era um homem bom, generoso, compassivo. E uma grande qualidade o acompanhou durante sua longa e gloriosa carreira: não transigiu jamais com os seus principios politicos e com as suas crenças religiosas. Essa intransigencia trouxe-lhe não pequenos dissabores e contrariedades amargas. Sofria tudo e julgava-se pago pela sua imperterrita fidelidade a esses principios e crenças.

Nesse particular a sua vida é um exemplo. E não sei quanto tempo decorrerá até que surja um modelo assim tão perfeito nas suas preclaras virtudes e tão severo nos seus admiraveis defeitos.

A Noticia, 12 de Dezembro de 1927.



Um bronze para

CARLOS DE LAET

BENEVENUTO BERNA

CARTA ABERTA AOS CATHOLICOS

(Para ser lida especialmente por D. Sebastião Leme, Affonso Celso, Aloysio de Castro, Charante Junior, José Thomaz de Mendonça e Jeronymo Mesquita Cabral).

Hontem eu e tantos outros admiradores de Carlos de Laet nos reuniamos em volta de sua pessoa para lhe homenagear a ancianidade sempre moça, a alma sempre bella e boa, o espirito sempre talentoso e o caracter, em fim, sempre integro, intransigivel. — Hoje, ao contrario, nos reunimos para o acompanhar á ultima morada!

* * *

Assim é a vida: Um pendulo oscillante entre o riso e a lagrima!

De Carlos de Laet, o meu grande amigo e mestre de não poucas campanhas civicas, pôde-se dizer que não morreu, mas immortalizou-se, de vez, agora. Porque homens, como elle o foi, não morrem nunca, como disse Madame de Stael. Os seus escriptos, os seus gestos, as suas acções, sempre eguaes em sentimentos, lealdades e desprehendimentos, os conservam sempre vivos, e, portanto, immortaes, "governando sempre os vivos", que um dia hão de morrer...

A morte desse grande philologo e escriptor, mestre e cidadão exemplar, orphanou o Brasil inteiro, que nelle via o maior interprete de seu linguajar, o maior registo do seu vernaculo, o mas real e patriota de seus filhos, que, como bom carioca que foi, morreu pobre e nunca desmentiu os principios que pregou, que foram durante 80 annos de existencia, "uma linha recta entre o Direito e a Justiça", o amor á Patria e amor ao lar.

* * *

E' profundamente commovido que faço estas linhas in memoriam da muita estima e respeito que lhe votava e para fazer um pequeno appello ao Brasil catholico, de

que elle foi o maior bandeirante, o maior batalhador, o mais fiel servidor, para que, muito breve, possamos erguer em praça publica um monumento que falle, no seu silencio significativo, sincero e perpetuo, da actuação, do patriotismo, da vida franciscana e digna de exemplo de roteiro á mocidade, qual foi a de Carlos de Laet.

Faço, portanto, com toda a sinceridade, um appello ao Clero brasileiro a quem tanto elle serviu, para que, entre seus fiéis, ponha em marcha esta idéa, que é o desejo de todos que lhe conheceram a alma e leram seus escriptos patrióticos e religiosos.

Ea, já doqui offerceo os meus insignificantes presentes, para fazer, graciosamente, a parte artistica do monumento que se lhe levantar, isto porque elle, além do mais, foi tambem um amigo leal da Arte e dos artistas brasileiros e passou pela terra praticando o bem.

Jornal do Brasil, 11 de Dezembro de 1927.



CONDE CARLOS DE LAET

A 7 do corrente, perdeu o Brasil um dos seus grandes filhos na pessoa do Sr. Conde Carlos de Laet, que lhe prestou, na politica, no magisterio e nas letras, serviços notabilissimos.

Jornalista desde a juventude até o fim da vida, dariam dezenas de volumes os seus artigos, ricos de louçanias estilisticas, de conceitos e ensinamentos valiosos, e scintillantes de graça inconfundivel.

Já estavam muito adiantados os serviços de paginação e impressão deste numero da "Revista", quando tivemos noticia do fallecimento de tão eminente confrade e correligionario. De modo que, sómente em nossa proxima edição, lhe prestaremos as homenagens excepcionaes que lhe são devidas.

Paz á sua alma, e benções á sua memoria!

"Revista de Cultura" — Dezembro — 1927.

FLORILEGIO LAETENSE

PE. THOMÁS FONTES

Nas poucas e apressadas linhas com que a *Revista de Cultura* noticiou, em seu duodecimo numero, o fallecimento do Sr. Conde Carlos de Laet, occorrido a 7 de Dezembro, prometteram-se para hoje homenagens excepcionaes ao eminente confrade e correligionario.

Vimos desobrigar-nos desse compromisso.

Estampar o retrato de Laet ou dar-lhe a biographia — pareceu-nos de minguado alcance, visto que outros orgãos da grande imprensa e da pequena, por todo o país, o fizeram.

A personalidade de Carlos de Laet merece, exige mesmo, um livro inteiro de estudo.

Alumno distinctissimo de humanidades; engenheiro pela antiga Escola Central; politico operoso e influente no regimen monarchico; professor official e particular por alguns decennios; director do Collegio Pedro II; membro da Academia de Letras, cuja presidencia occupou por varios annos; orador fluente e seguro; polemista temido; jornalista brilhantissimo — ha muito que pesquisar e muito que aprender nos seus oitenta annos de canseiras e sacrificios, de pelepas e victorias.

E' preciso que o egregio paladino do altar e do throno tenha o seu historiador. Elle nos dirá se o publicista foi justo em todos os ataques e censuras a homens e cousas do seu tempo. Fixará para os póste-

com as lições de patriotismo esclarecido de que a vida de Laet é rica. Documentará copiosamente a sua cultura científica e literaria — fruto de intelligencia peregrina e de vontade ferrea, incansaveis ambas no investigar e elucidar, no polir e embellecer. E deverá laurear toda a profundidade e firmeza das convicções religiosas de Laet, seu conforto e consolo através dos annos e annos, até o derradeiro...

Já se falou tambem na erecção duma estatua ao pé do monumento.

A idea é digna de applauso.

Entendemos porém, que com outro monumento ainda se devea perpetuar o nome de Laet: seleccionados os seus escriptos e discursos, publiquem-se em volumes de preço modico; que lhes facilite a diffusão.

Reparemos assim o exemplo da França em relação a Louis Veuillot, a quem dois criticos celebres proclamaram *classico, festejoucha do tempo, pintor rigoroso da realidade*.

Os Lezírios e Sainte-Beuve dariam com justiça os mesmos titulos a Laet.

Rogamos o Deus que apresse e abençoe a accção do *Comitê de Redacção* do escriptorio e do editor laetenses, a *Revista de Cultura* passa a prestar ao illustre pensador a homenagem prometida.

Concluo com florilegio de producções suas — tres annos nos surprehendos do talento multiforme de Laet: uma conferencia civico-religiosa, um artigo de cunho monarquista e uma satira em prosa.

A conferencia é de 1903; a satira, de Setembro de 1926.

Excepcionalmente a linguagem e a ironia. Distançadas por mais de vinte annos, esfuzia nellas o mesmo chiste zuzador de tolices e maldades. A discreta elegancia e a correccão impecavel são iguaes numa e noutra.

Decididamente, a morte de Laet abriu um claro formidavel nas fileiras dos que pensam com bom senso e escrevem com bom gosto...

"Revista de Cultura" — Janeiro — 1928.



CARLOS DE LAET

WALDIR DE AZEVEDO FRANCO

*Mas tinha o lutador crenças de aseta,
Rompe-se em luz o nimbo da agonia
Sorri... Mais uma vez vence o atleta.*

Ha dias, não só a imprensa, mas todo o povo brasileiro, cobriu-se de luto e curvou-se lacrimosamente sobre o corpo tombado de um dos mais illustres patriotas inda restantes — Carlos de Laet.

A diplomacia, a politica e a literatura tambem se enlutaram; esta e a imprensa foram as que mais sofreram com o desaparecimento dêsse cérebro repleto de ideias sempre joviais. Na imprensa Carlos de Laet se salientou desde o Império até o dia de seu desaparecimento. Na literatura era admirado por todos e por todos desejado. Seus últimos escritos que ao "Journal do Brasil" coube a glória da publicidade, eram extraordinariamente sensacionais.

Laet desapareceu de nosso seio, como desaparecera Rui Barbosa e como havemos de desaparecer um dia, dia êsse discriminado desde o momento em que ingressamos no mundo. Mas a lacuna rasgada por êle fóra mais sensível que a aberta pela morte de um milhão de homens incultos.

Carlos de Laet era homem superior, austero e sempre vivêra independente, nunca subalternizado. Seu proceder era por todos admirado, jamais praticára actos injustos. Quando exercia o elevado cargo de director do Colégio de Pedro II, tive occasião de assistir como julgava justiceiramente a insubordinação dos alunos. Fugia de lhes aplicar a pena máxima da suspensão ou expulsão. Chamava os delinquentes ao seu gabinete de trabalho e com carinho paternal os aconselhava.

Era o verdadeiro educador.

E quantas gerações por aquele colégio passaram, debaixo de sua protecção benéfica e seus fecundos conselhos. Que sirvam de espelho seus belos e patrióticos gestos aos dirigentes de nosso grandioso país.

Para combater seus inimigos nunca usára outra arma, que a da palavra. Fera a todos e a todos molestava com o florete do satirismo.

Cedant arma togae: concedant laurea linguae, dizia Cicero.

Era poeta acabado. "Mano", de Coelho Neto, regista, a certa altura, um dos melhores sonetos de Carlos de Laet:

*Era uma alma forte e meiga creatura,
Alma infantil em corpo de gigante;
E na arena o julgáreis sempre ovante
Da Grecia antiga olympica figura.*

*Mas como cá na terra a desventura
Apanhula o valor a cada instante
Chega-se a Morte ao moço triumphante
P'na foca-lo co'a ponta d'aza escura.*

*Preces da afflita mãe, que a dôr crucia,
Prantos do pobre pae, que era um poeta,
Tudo o supremo transe lhe angustia.*

*Mas tinha o lulador creanças de asceta,
Rompe-se em luz o nimbo da agonia...
Sorri... Mais uma vez vencera o athleta.*

Por esse soneto vemos a quanto monta o valor poético de Laet.

Era conterraneo de Machado de Assis, Visconde de Tannay, Garcia Redondo, Olavo Bilac e outros. Nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1847.

Já aos vinte anos de existência recebia o grão de "bacharel em letras", adquirido no antigo Imperial Colégio de Pedro II, que cursou até 1867. Alguns anos mais bacharelava-se em matemáticas pela Escola Central do Rio de Janeiro. Dedicou-se depois ao jornalismo, onde, pelo fácil manejo que tinha da pena sempre sobresaiu. Foi professor catedrático da lingua de Vieira, no Colégio de Pedro II, professor efectivo do Ginásio S. Bento, professor honorário da Academia Imperial das Belas Artes e sócio honorário do Retiro Literário Português, patenteando sempre especial pendor para o magistério.

Nascida que foi a Academia de Letras no escriptorio da "Revista Brasileira", no primeiro andar dum paupérrimo prédio da rua "Nova do Ouvidor", hoje "Sachet", convidaram immediatamente o Conde Carlos de Laet para ocupar, nessa companhia, a cadeira Porto Alegre. Iniciou sua carreira politica no Império filiado ao Partido Liberal, sendo eleito por duas provincias — Goiaz e Paraíba do Norte, afim de as representar como deputado. Isto já na ultima legislatura monárquica, então presidente do gabinete o Visconde de Ouro Preto. Carlos de Laet não proseguiu na nova carreira, que encetára, porque permaneceu fiel ás ideias monárquicas. Nos tempos imperiais fôra redactor de debates do Senado.

Defendia, ardorosamente, não só o regimen derrubado por Deodoro, mas tambem se aliou á propaganda da religião católica. Defensor infatigável dos principios cristãos na terra de Cabral, cavaleiro da Ordem da Rosa, agraciado com o titulo de Conde pelo papa Pio X, por serviços prestados á Santa Igreja, condecorado com as ordens de São Leopoldo e de São Geraldo, Laet podia dizer-se um polimorfo.

Desde seus primórdios tempos colaborou em jornais e revistas. Em 1895 começou a escrever no "Jornal do Brasil", que publicava quasi diariamente artigos seus e em cujo periódico se conservou até os últimos dias de sua longa existência. Uma semana antes de falecer inda fôra publicado importante artigo de sua lavra, o que muito iludiu o povo carioca, que julgava não ser desesperador o estado de saúde do Mestre.

Com exito Laet assomara á tribuna onde ventilava e discutia, calorosamente, questões sociais, politicas, religiosas e pedagógicas.

Publicou várias obras, numa das quais mostra grandes conhecimentos geográficos e históricos. Apresenta noticias magnificas relativas aos municipios de São João e de Tiradentes ou São José d'El-Rei.

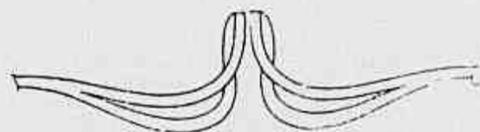
Tornou-se sócio efectivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Depois de uma existência tão duradoura quão gloriosa, pois vivêra até os 80 anos, faleceu a 7 de Dezembro de 1927, não sem receber os sacramentos, ministrados pelo vigário de Santa Teresa, padre Dr. Joaquim Nabuco. Antes de expirar, chamou, tranquilamente todos os seus e despediu-se com carinho, pedindo que seu corpo permanecêsse no conchêgo da familia até os últimos instantes.

Morrêra, é verdade, mas não será esquecido por nós brasileiros.

Sua memória aí está perpetuada por suas obras fecundas. Lá está seu retrato, perpetuado, no Colégio de Pedro II para que todos o vejam, como paraninfo como a estrela polar dos alunos do Externato, que terminaram o curso no ano findo.

Homenagem, pois, ao Grande Mestre e que seu nome permaneça eternamente na memória de todos os filhos dessa bemaventurada terra, dêsse Brasil imenso e amigo.



NA ACADEMIA

SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1927

Realizou-se, sexta-feira, a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras, presentes os Srs. Rodrigo Octavio, presidente; Antonio Austregesilo, secretario geral; Augusto de Lima, 1.º secretario; Ademar Tavares, 2.º secretario; Fernando Magalhães, thesoureiro interino; Affonso Celso, Afranio Peixoto, Alberto de Oliveira, Aloysio de Castro, Maulpho de Paiva, Claudio de Souza, Coelho Netto, Constançio Alves, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, Gustavo Barroso, Humberto de Campos, João Ribeiro, Laudelino Freire, Medeiros e Albuquerque, Olegario Mariano e Silva Ramos.

No expediente foram lidos telegrammas dos Srs. Costa Rego, governador de Alagoas, Helio Lobo, e do Centro Excursionista Brasileiro, Externato Washington Luis, Gremio Literario Ruy Barbosa e Centro Transmontano, apresentando pezames pelo fallecimento de Carlos de Laet;

O Sr. Rodrigo Octavio disse que lhe cumpria o doloroso dever de communicar oficialmente á Academia o fallecimento de um dos seus mais conspícuos membros, Carlos de Laet, e proclamar vaga a cadeira n. 32, da qual é patrono Araujo Porto Alegre.

Julgava que devia partir da Mesa a proposta para que, em signal da enorme magoa da Academia pela perda desse grande mestre, se levantasse a sessão.

O Sr. Coelho Netto disse que, ao se iniciarem, nesse dia, os trabalhos da Comissão Directora do Dicionario, o Sr. João Ribeiro, presidente interino dessa commissão pronunciara palavras de grande sentimento, lamentando o desaparecimento do vice-presidente da commissão, o grande Carlos de Laet, mestre insigne que fôra de varias gerações e um dos mais altos valores da philologia brasileira. Desejava agora o orador trazer aos collegas, em plenário, a solidariedade daquella commissão na immensa e profunda magoa por que passa toda a Academia ao ver que se ausentou para sempre daquelle recinto o vulto venerando, e por todos acatado, do mestre e companheiro, que não fôra apenas um sabio e um erudito, mas um padrão de moral. Raros terão sabido, como Carlos de Laet, elevar tão alto o caracter, a religião e a fé. Que o diga a Republica qual foi o procedimento desse espartano durante um combate de quasi quarenta annos. Logo ao alvorecer do novo regimen, lançou elle o seu protesto vehemente e companheiro, que não fôra apenas um sabido se obrigar um marinheiro de nossa armada a arriar a bandeira do Imperio para substituil-a pelo pavilhão republicano. Esse artigo memoravel, "Arria a bandeira!", não é somente uma pagina fulgurante de homem de letras, é o protesto formidavel de um homem.

O vulto desse grande varão continuará, pois, a conviver connosco, de par com a saudade do mestre e do companheiro, saudade que ha de ser perenne nesta Casa, que elle tanto illuminou com os fulgores do seu talento e a alegria do seu espirito, legando a todos seu amor sublime á sciencia, á virtude, ás letras e á patria. Que Deus o guarde em sua companhia. (Palmas).

"Jornal do Brasil", 11 de Dezembro de 1927.

JUSTAS HOMENAGENS

UM OBSERVADOR PARLAMENTAR

Em reverencia á memoria de Carlos de Laet, a Camara, depois de lhe ouvir o necrologio, pronunciado por varios oradores, inseriu na acta dos trabalhos um voto de profundo pezar, e nomeou uma commissão de deputados para represental-a nos funeraes do illustre escriptor.

As homenagens prestadas pelo Senado foram ainda mais altas: — esta casa, após ouvir o elogio funebre de Carlos de Laet, levantou a sessão.

Temos criticado com certa insistencia o barateamento das homenagens prestadas pelo Congresso, por se nos afigurarem quasi sempre indevidas e injustas.

Agora, porém, o Congresso andou aceriado.

Carlos de Laet foi, com effeito, um brasileiro illustre. Educador, homem de letras, jornalista e politico, (politico ao tempo da Monarchia), sob qualquer desses aspectos a sua personalidade avultou no movimento intellectual do paiz.

A sua vida politica representa mais de meio seculo de brilhante actividade, manifestada principalmente em duas poderosas tribunas: — a cathedra, de onde, por mais de cincoenta annos, ensinou a mocidade; e a imprensa, de onde, nesse longo tempo, observou e apreciou homens e coisas do Brazil, dentro ou á margem dos acontecimentos de que foi contemporaneo.

Hontem, depois de ter pronunciado o elogio de Carlos de Laet e de haver requerido em sua homenagem o levantamento da sessão, o Sr. Irineu Machado, na sala do café do Senado, nos recordava alguns traços interessantes do perfil do eminente publicista.

Deixando transparecer, em sua palavra fluente, a emoção com que discursára da tribuna dessa casa, o representante do Districto, como que revolvendo asculades, nos falava da sua infancia, lembrando quando entrára para o Collegio Pedro II, aos oito annos de idade, tendo entre seus professores, nesse estabelecimento, Carlos de Laet.

O Sr. Irineu Machado, evocando reminiscências, que começavam em 1882, recordava o carinho com que o tratara Carlos de Laet, a primeira vez que o vira entre os alumnos do primeiro anno, dentre os quaes Irineu Machado chamára a attenção do professor por parecer o mais pequenino da classe.

Admirando Carlos de Laet como intellectual, o Sr. Irineu Machado frisou, entretanto, ao requerer as homenagens do Senado, que estas seriam tribu-
tadas principalmente ao monarchista que, constituindo um exemplo de homem de principios politicos, atravessára quasi quarenta annos de regimen republicano sem adherir á Republica.



JUIZO DA IMPRENSA

“O JORNAL”

A morte de Carlos de Laet faz desaparecer o ultimo representante da geração intellectual do Imperio. Em meio seculo de intensa actividade, desdobrando-se pelo jornalismo, pelo magisterio, pela politica, Carlos de Laet foi a expressão energica e realizadora das idéas a que o seu talento deu forma seductora e que o seu caracter vitalizou com uma tenacidade rara no nosso meio.

O grande morto de hontem reunia tres predios de cuja convergencia resultou o seu extraordinario successo de publicista. Ao lado de uma cultura geral e de um consideravel preparo especializado, Carlos de Laet tinha um ardente entusiasmo pelas suas convicções paradoxalmente associado a um temperamento essencialmente sceptico. Foi a combinação feliz destes tres attributos que tornaram o sarcastico e ironista um escriptor profundo e um batalhador coerente que, em meio seculo de jornalismo, nunca se desviou das grandes linhas do seu pensamento central.

Carlos de Laet appareceu na imprensa brasileira como expoente da corrente intellectual da reacção catholica que desde 1830 e, sobretudo depois da revolução de 1848, se veiu organizando em França sob a inspiração da idéa de reatar a ideologia politica e sociologica do seculo aos modelos historicos da tradição franceza. A maré que trouxera ao fastigio os grandes polemistas e escriptores de que Luis Veuillot fôra talvez o mais caracteristico, passou para dar logar ao predominio do scepticismo do ultimo quartel do seculo XIX. Carlos de Laet permaneceu firme na estacada sustentando idéas e falando uma linguagem que, durante mais de vinte annos, o puzeram em conflicto com as tendencias predominantes do seu tempo. Mas, a longevidade concedeu-lhe o premio de vir encontrar nas ultimas decadas da sua existencia, um ambiente menos hostil á intemperancia doutrinaria que irritara a geração anterior.

Realmente Carlos de Laet octogenario não desaparece de entre nós como uma figura tão accentuadamente do passado, como se elle tivesse succumbido ha um quarto de seculo. A nova orientação do pensamento philosophico permite aos homens da geração actual entenderem muito melhor, mesmo sem lhe commungarem as idéas, o pensamento intemperante que o tornou o mais brilhante campeão dos principios catholicos no Brasil.

Na logica do seu tradicionalismo philosophico, Carlos de Laet foi uma personificação energica do espirito ante-revolucionario. Nesse ponto tambem o glorioso veterano das letras brasileiras veiu morrer ao lado das tendencias vencedoras na intellectualidade contemporanea. Abstracção feita do particularismo partidario que lhe não permittia ver uma fórma conservadora fóra das instituições monarchicas, Carlos de Laet estava com a mais perfeita modernidade no seu antagonismo irreductivel á ideologia politica e sociologica do seculo XVIII.

Nas fluctuações entre a orientação inabalável de Carlos de Laet e as attitudes do ambiente intellectual que elle atravessou na trajectoria da sua longa vida ha uma instructiva lição sobre a variabilidade extrema das tendencias do pensamento em épocas de super-actividade criadora, como a que o mundo tem atravessado desde a Revolução Franceza. Assim, um homem que morreu velho mas que não chegou a approximar-se dos extremos lendarios de uma grande idade, ponde passar por successivas phases em que a permanencia das suas idéas o collocou em posições tão differentes em relação ás correntes predominantes do pensamento do seu tempo.

A pujança das mais sérias aptidões intellectuaes e a solidez da cultura de Carlos de Laet, foram até certo ponto eclipsadas ao juizo dos seus contemporaneos pelo extraordinario brilho das fórmulas de expressão do grande pamphletario. Como todos os homens em cuja composição intellectual entram elementos de verdadeira grandeza, Carlos de Laet tinha o sentimento das realidades sociaes e era impellido na sua ansia de applicação conereta das idéas, a um personalismo que o seu temperamento apaixonado não mais accentuava. Assim, em vez de ter sido uma máera intelligencia didactica, apenas um malabarista de conceitos abstractos, elle foi um combalivo por excellencia que investindo contra as idéas e as doutrinas que lhe eram antipathicas, feria os homens que encontrava no seu caminho. Nesses torneos, o scepticismo fundamental que lhe impregnava a personalidade, encontrava na critica dos individuos, campo para a dissipação da energia que Laet não podia applicar no dominio das idéas em que a sua consciencia disciplinada lhe impunha attitudes irreductiveis.

Dispersa, como foi, em actividade tão multiforme, a obra de Carlos de Laet não pode ser apreciada facilmente em uma rapida analyse dos seus escriptos. Mas quando as condições do meio brasileiro se tornarem propicias aos estudos aprofundados da critica historica do nosso pensamento literario, a figura do morto de hontem terá a sua immortalidade assegurada como um dos mais nobres representantes da cultura a que a nossa lingua até hoje tem servido de instrumento.

8 de Dezembro de 1927.

*

* *

As ultimas homenagens prestadas aos despojos mortaes desse homem grande e bom que foi Carlos de Laet, revestiram-se de uma desusada magnitude pela concurrencia dos acompanhantes e unanimidade das demonstrações de pezar que a caracterisaram. Na sua longa vida toda de luta intransigente pelos mais nobres ideaes, Carlos de Laet passou á margem, pôde-se assim dizer, das consagrações ruidosas e publicas, e, apesar da sua significação na vida nacional jámais, para homenageal-o, se congregaram essas multidões ovantes que levam ao triumpho, muitas vezes ephemero, os idolos do dia.

A virtude praticante, a intransigencia pelo bem viver e operante, incommodam, fazem mal, porque representam sempre ao homem normal um paradi-gma do que deveria ser e não é. E' um reproche vivo. Por isso parece que só a morte, ao retirar

do convívio social esses entes excepcionaes, dá aos homens a consciencia do valor que elles representavam, e do vacuo que seu desaparecimento deixa na comunidade.

Dahi essas manifestações tardias de apreço e de dôr, que seguem o feretro daquelles que, como Carlos de Laet, foram em vida os campeões do bem, raras vezes conceituados e apreciados à altura dos seus meritos, e quasi sempre torturados pela angustia das perseguições ou vituperios ultrajantes, ou pela calumnia que não poupa nunca as almas mais limpas, nem os designios mais nobres.

Bastaria, para elevar a um plano excepcional a figura de Carlos de Laet, considerar que foi um homem que jámais deixou esmorecer o ardor com que venerava e praticava a religião christã. Numa época de septicismo destruidor, em que grande parte dos homens deixa estiolar em seu peito a flor mystica da crença, e passa pela vida moral como navio por mar tempestuoso sem vélas, sem leme e sem bussola, Carlos de Laet foi uma alma penetrada de fé, nella encontrando o seguro amparo contra os dissabores da vida e a directriz certa que norteava seu caminho. A igreja de Christo está assente indestructivelmente entre os homens porque ella é a unica e verdadeira, e não ha forças humanas capazes de abalar tão divina construcção, mas o desaparecimento de um dos seus melhores légionarios, no Brasil, é sempre para lamentar, porque constitue uma perda sensivel no combate contra a corrente de impiedade e de luxuria que ameaça assoberbar a nossa patria. Carlos de Laet, pela pratica, de sua vida, era um exemplo, pelas suas lições e obras um regenerador dos costumes. O sentimento que acompanhou a noticia de sua morte é a melhor prova de que o trabalho da sua existencia foi nobilitante e resultou proficuo.

9 de Dezembro de 1927.

“JORNAL DO COMMERCIO”

O Sr. Dr. Carlos de Laet, que hontem falleceu á tarde, em sua residencia de Santa Theresa, foi durante largos annos um dos jornalistas mais assiduos, influentes e populares do Rio de Janeiro e do Brasil.

Bacharel em letras, engenheiro geographo, professor do Collegio Pedro II e de escolas particulares, poeta na sua mocidade, o Sr. Carlos de Laet foi, principalmente, apesar de todos esses encargos e qualidades, jornalista e homem de letras, polemista, folhetinista e articulista.

No fim do Imperio foi um dos publicistas de mais largo prestigio e de mais forte repercussão. No **Microcosmo**, que escreveu no “Jornal do Commercio” durante quinze annos, como depois na “Tribuna Liberal”, o Sr. Carlos de Laet combateu cedo pelas idéas mais avançadas do seu partido, e quem percorre os jornaes do tempo, os folhetins das nossas proprias collecções, percebe que o terrivel polemista monarchico, que a nova geração já encontrou, cheio de glorias, foi, pela intensidade de suas campanhas, um dos demolidores do antigo re-

gime. De facto, nos proprios **Microcosmos**, os seus ataques ao gabinete Paranaguá attingem ao proprio throno e ao regime; mas, figura proeminente entre os liberaes, não foi só um dos seus primeiros jornalista, como um dos seus leaders intellectuaes.

Nos congressos liberaes, que no fim do Imperio como que indicavam a transformação do regime, elle sempre sobresahiu; relatou diversas theses e appareceu varias vezes como leader.

Tanto que na Camara eleita pelo gabinete Ouro Preto, a ultima da monarchia, fôra duplamente diplomado, pela Parahyba e por Goyaz.

Tudo mostrava que seria, se os acontecimentos não tivessem alterado o regime, um dos chefes dos liberaes, futuro Ministro e Presidente do Conselho.

Não adheriu ao regime. Aconteceu com elle como aconteceu com outros publicistas e politicos que por suas criticas, embora não fossem republicanos, tanto contribuíram no fim do Imperio para a decadencia, a desmoralisação e o desapparecimento da monarchia. Enquanto os incondicionaes do tempo adheriam em massa, elle, como Joaquim Nabuco, Ferreira Vianna, Lafayette, Ouro Preto, Alfonso Celso, Andrade Figueira, ficou monarchista.

Jornalista de reacção monarchica depois da Republica, elle sustentou na "Tribuna", na "Liberdade", no "Jornal do Brasil", campanhas memoraveis; teve de se refugiar algumas vezes em Minas, e desse homisio sahiram paginas lindas de observação, depois recolhidas em volume, mas que antes tinham sido tambem publicadas no "Jornal do Comercio".

Nos primeiros annos da Republica grangeou tambem grande popularidade com as suas criticas, as suas polemicas, os seus sarcasmos formidaveis, a sua ironia demolidora.

Monarchista e catholico, escreveu então no "O Paiz" e no "Jornal do Brasil", e neste ultimo collega manteve a sua collaboração até ha pouco tempo.

Era um escriptor purissimo; conhecia bem o vernaculo, porque sabia as suas humanidades como poucos e era versado nas linguas classicas. Sob este ponto de vista, foi um dos mestres da arte de escrever no Brasil e na lingua portugueza, e um dos que começaram a escrever com elegancia, segurança, pureza, mas sem nenhum dos modismos portuguezes.

Isso lhe proporcionou, na sua mocidade, ardentés e brilhantes discussões com escriptores portuguezes a proposito de questões grammaticaes.

Realmente, na "Revista Brasileira", de Midosi, e em outros jornaes, Carlos de Laet sustentou com Camillo Castello Branco e outros escriptores portuguezes uma polemica cheia de ensinamentos, de chiste, de imprevistos e na qual a erudição se misturava com as perversidades.

Foi um professor erudito e correcto, e com a reacção nos primeiros annos da Republica se dedicou exclusivamente ao jornalismo e ao ensino nos estabelecimentos particulares.

Só na presidencia Hermes foi reintegrado na sua cathedra no Collegio Pedro II, nomeado depois seu director, cargo que exerceu até ha pouco tempo.

O Dr. Carlos de Laet foi, portanto, durante mais de cincoenta annos, pois falleceu aos oitenta, um jornalista militante, um ardente ploemista, um articulista atrevido, audacioso, mas que sabia misturar a piada á erudição, na medida justa e era, pela pu-

za da linguagem, pela correção da forma, um dos nossos primeiros estilistas e escriptores.

Gozou periodos de grande e muito fundada popularidade, tanto no fim do Imperio como no começo da Republica, e soube sempre elevar a profissão pelo fulgor de seus periodos, pela graça de suas invectivas, pela coragem de suas attitudes, pela sinceridade de seus propositos, pelo desassombro de suas aggressões ou defesas.

No nosso Microcosmo, na "Tribuna Liberal", na "Liberdade", na primeira phase do "Jornal do Brasil", teve periodo de ruidoso successo, sendo seus artigos lidos e commentados por toda a elite brasileira e por todo o publico leitor. Antes e depois, não deixou de ter a sua influencia e o seu publico, e sempre o mereceu, pois foi um escriptor castigo, espirituoso, que sabia combater com uma ironia perversa, mas sem injurias pessoais, e cuja penetrante critica era attraente e sempre imprevisivel e nova.

Conservou até aos oitenta annos essa clara visão de sua arte de escriptor e foi sempre o artista maravilhoso que tão depressa se esgotava e se manteve na luta, quasi sem interrupção, mais de cincoenta annos.

Esse jornalista, o liberal do Imperio que contribuiu para a queda da Monarchia, o monarchista da Republica que com as suas invectivas tanto influo para conter excessos dos primeiros periodos republicanos, foi um grande escriptor, que nomeava a lingua portugueza como raras de seus cultivadores. A admiração que sempre cercou o Sr. Dr. Carlos de Laet, desde sua mocidade ardorosa até a sua velhice igualmente cheia de ardor de intelligencia e de ardor pelas suas idéas, foi muito merecida, e honra a cultura brasileira.

8 de Dezembro de 1927.

"JORNAL DO BRASIL"

O Sr. Carlos de Laet achava-se enfermo ha mais de um mez. E, dada a sua idade avancada, os amigos receavam pela sua vida. O organismo não resistiu mais, dando-se hontem, á tarde, o desenlace.

Carlos de Laet morreu aos 80 annos. Nessa idade, em que tambem morreu Anabole France, elle conservava uma memoria pasmosa. Seu cerebro era um thesouro de factos, de idéas, de opiniões, de paradoxos e de satyras.

Nunca se viu, naquella idade, um homem conservar uma recordação tão prompta das cousas, uma lembrança tão capaz de invocar ainda os traços mais fugitivos de uma paisagem, as feições mais indocidas de uma personalidade.

Esse homem teve uma intelligencia de rara rubrica, um talento de varias formas. Elle foi essencialmente um satyrico, um humorista, se quizermos, na aggressiva accepção dos inglezes.

Sua ironia era contundente e mortal. Satyra que lhe sahisse das mãos porejava fel. E bastava, ás vezes, um dos seus dios para amuquillar de vez um adversario. Certo estreante de Pernambuco, haverá quinze annos, escreveu um artigo contra Carlos de

Laet e lh'o endereçou sob fôrma de carta aberta, com esse título: "Carta a Mathusalem". Carlos de Laet respondeu com outra carta que tinha esse outro título: "De Mathusalem a Calino". Não bastaria essa epigraphe para fulminar um plumífero?...

É que esse atleta vinha de prelios amargos. Elle tinha exercitado o seu florete com o terrivel Camillo. E o grande escriptor portuguez conservara cicatrizes desse duello.

Cousa singular: esse homem, jornalista potentissimo, peuma de uma agilidade fulgurante, cultura das mais largas e profundas que um brasileiro ainda possuiu, desdenhou escrever livros.

Sua obra de imprensa é verdadeiramente formidavel. Collaborador do "Jornal do Brasil" desde 1895, só aqui os seus trabalhos publicados dariam para completar numerosos volumes. E entretanto elle jamais se quiz dar ao trabalho de fixar em livros as chronicas luminosas que produzia para as folhas diarias.

Seus artigos são modelos de pureza e elegancia. Medido e harmonioso, classico no escrever, com um estylo sobrio e ás vezes tacito — o Sr. Carlos de Laet deixou paginas que são verdadeiros espelhos da perfeição do idioma que fallamos.

Nesse escriptor dos nossos dias parecia haver ás vezes um amigo, um emulo de Manuel Bernardes ou de Francisco Manuel de Mello.

É que o Sr. Carlos de Laet se affeioára á leitura diaria dos classicos. E era nos antigos que o seu espirito ia encontrar os modelos de uma belleza litteraria extreme e luminosa.

Presidente da commissão do Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza, elle alli exercia suas funccoes com verdadeira autoridade. Suas palavras magistraes eram acollidas com esse acatamento e esse respeito com que os sabios são ouvidos. E ninguem poderá calcular a finura das idéas que elle expunha, a penetração das observações que elle fazia, a cópia immensa de conhecimentos philologicos que em todas as occasiões elle revelava.

Depois da morte de Machado de Assis, de Nabuco, de Ruy Barbosa, o Sr. Carlos de Laet talvez fosse quem mais altamente poderia representar o nosso genio litterario.

Deante do tumulo que agora se abre sentimos o coração contrangido de uma dôr profunda. É que sabemos medir a extensão nacional dessa perda. É que reconhecemos que, com Carlos de Laet, o Brasil perde um dos seus filhos mais eminentes: — um escriptor de incomparavel talento, um artista soberbo, um homem que foi capaz de, num breve momento da vida, fixar, numa fôrma impecavel, alguns aspectos fugazes da eterna e divina Belleza.

8 de Dezembro de 1927.

*
*
*

O desaparecimento dessa individualidade de escol, dessa expressão de relevo da intellectualidade brasileira — Carlos de Laet, — causou funda impressão de magua em todos os centros de cultura do paiz.

Combativo por indole, sabendo manejar a satyra com habilidade magistral, com agilidade e, por vezes, com frieza constante, elle, como jornalista e escriptor, soube, no entanto, manter-se em todas as suas refregas e em todas as suas criticas, numa esphera elevada e respeitosa.

Dahi o largo circulo de admiração publica em que o seu nome, como uma moldura, sempre se conservou e onde, certo, permanceerá, servindo de modelo de talentos e de virtudes ás gerações contemporanea e vindouras.

Academico, educador, que votou a mór parte da sua existencia á obra patriótica e humanitária da formação espirital e cultural da mocidade, Carlos de Laet, com o seu desaparecimento, deixa um claro hnumenso no scenario da intellectualidade brasileira.

Merecidas, foram e serão portanto, as homenagens já prestadas e as que vierem a ser tribuladas, pela gratidão brasileira, á memoria do illustre escriptor, pedagogo e homem de letras.

9 de Dezembro de 1927.

“A NOITE”

Falleceu, á tarde, o eminente professor Carlos Maximiano Pimenta de Laet, um dos grandes e raros sabedores da lingua. Perde o Brasil, com o seu desaparecimento, uma de suas maiores figuras, engrandecida desde quando, apparecendo, na imprensa, firmou, em traços largos, a intransigencia dos principios, que defendia.

Velho já, sua penna era, entretanto, na chronica em que fixava os episodios da vida quotidiana, uma especie de clava. Seduzia-o a polemica. E foi ali, precisamente, que mais se accentuou sua popularidade de homem de letras, versado, embora, em diferentes ramos de sciencias, dos quaes tirava illações para uma philosophia, que era apenas sua.

Catholico, apostolico e romano, o illustre morto finda-se na paz do Senhor, não tendo, mesmo, durante sua vida, que foi longa e cheia de trabalhos, quaesquer deslises, que pudessem ir ferir a moral da egreja. E morre aos 80 annos, quando ainda a sua actividade de homem de letras se exercia, com vigor, na imprensa notadamente.

*

* *

7 de Dezembro de 1927.

O professor Carlos de Laet, que, conforme noticiámos na nossa ultima hora, falleceu, ás 14 horas, na residencia de seu filho Joaquim Mafra de Laet, á rua Candido Mendes n. 289, guardava o leito, enfermo, ha mais de um mez. No dia 2 de outubro, estando já doente, foi á Associação dos Empregados no Commercio, onde se realisou uma festa em sua homenagem, promovida pelo Centro Catholico.

Foi a ultima vez que falou em publico.

Regressando á casa de seu filho, o professor Carlos de Laet recolheu-se ao leito, onde, assistido, sempre, pelo Dr. Henrique Tonner de Abreu, hoje expirou, em consequencia de pertinaz nephrite, que zombou de todos os recursos da sciencia.

O eminente professor Carlos de Laet lega aos filhos uma gloria imperecivel: — trabalhou a vida inteira, nunca transigiu em relação aos seus principios e morre pobre.

— Nada mais lhes posso legar, meus filhos! — dizia elle, ultimamente, no seu leito de dôr.

E a vida do grande mestre da lingua foi pontilhada de sacrificios.

Quando se proclamou a Republica, a congregação do Pedro II, de que elle já fazia parte, propoz, em sessão solenne, a mudança de nome do collegio para o Instituto de Ensino Secundario.

E já a proposta ia ser approvada, unanimemente, quando, entrando de fóra, inesperadamente, Carlos de Laet parou junto á porta, chapéo na mão, gritando:

— Protesto!

E' escusado dizer que esse grito constituiu um escandalo. Não obstante, a proposta foi approvada. Terminada a sessão, Carlos de Laet saiu com os seus collegas e, ao chegar á rua do Ouvidor, leu, com espanto, á porta dos jornaes, em grandes "placards" a sua demissão, que acabava de ser lavrada pelo ministro Cesario Alvim. O professor Laet sorriu, deu de hombros e continuou no seu passeio pela cidade. Mais tarde, reconhecida a grave injustiça do governo, Deodoro da Fonseca revogou aquelle acto do secretario da Justiça, jubilando o illustre professor, a despeito, mesmo, do seu pouco tempo de effectividade no cargo. Em 1909, quando Nilo Peçanha restituiu ao tradicional collegio o seu antigo nome, a congregação representou ao ministro da Justiça, pedindo a rientegração de Carlos de Laet, visto como havia cessado o unico motivo, que determinara o seu afastamento da cathedra..

O governo attendeu.

Carlos de Laet, então, dizia a sorrir:

— Agora, se elles quizerem, terão de rejubilarme: — já fui jubilado e não o poderei ser uma segunda vez!

Ultimamente, Carlos de Laet havia perdido quasi todos os logares de collaborador dos jornaes cariocas.

— Porque?

O Dr. Mafra, seu filho, deu-nos a explicação:

— Meu pae não transigia.. O director de um jornal impoz-lhe um sacrificio: não escrever contra o governo a que elle, director, pertencia! Meu pae não concordou e preferiu deixar o jornal. Com outro orgão da imprensa succedeu o mesmo. De modo que, ultimamente, elle pouco escrevia.

— Qual foi o seu ultimo artigo?

— O ultimo artigo de meu pae foi publicado quinta-feira passada. Tinha como titulo: "Pela Victoria da Legalidade!" Era uma critica allusiva á idéa agitada em S. Paulo de se erigir um monumento aos defensores da ordem, no movimento bellicoso de 1924. Elle citava, ahi, a phrase de Caixias: — "em vez de monumento, rezem-se missas, pois que a luta foi entre irmãos!"

7 de Dezembro de 1927 — 2.^a edição.

*

* *

O fallecimento de Carlos de Laet assignala o desaparecimento de uma das mais características individualidades da intelligencia brasileira nestes ultimos cincoenta annos.

Preso durante quasi toda a sua vida ao magisterio, em função que soe disciplinar e amoldar os mais vivos espiritos, Carlos de Laet jámais se subordinou, jámais transigiu com os seus principios e o seu temperamento. Foi sempre o que era, fundamentalmente, como intellectual, sem deslize ou disfarce. Os cincoenta annos de

actividade ininterrupta e violenta não lograram gastar, em qualquer sentido, as linhas ríspidas daquella inflexível individualidade. Nem o tempo decorrido e a fadiga de tantos dissídios e de tantas doutrinas puderam amortecer o brilho desse espirito combativo e tenaz, dotado de todas as virtudes espirituaes ao combatente de "élite": expirando octogenario, o velho professor mantinha a sensibilidade do seu nome perante a opinião publica.

Laet combatia pelo prazer do combate, pelo gosto da rinha. Era, em regra, uma figura de opposição no pensamento nacional. Assim, brilhando na aurora da Republica, quando a irreligiosidade campeava, hasteou no scenario o seu pendão catholico e resistiu na estacada ás investidas de toda uma brilhante geração de pensadores. Combativo por indole, preferiu ás lóas christão a critica aspera, o apodo e a satyra, fazendo gala de uma agilidade, de uma lucidez e de uma fereza que o tornaram, naturalmente, em campeão da Igreja. Estimava a singularidade de attitudes e possuia como raros a coragem da solidão. Nunca desertou a liça. Nunca repudiou principios.

Tudo, nesse pamphletario admiravel, indicava a persistencia e a bravura — virtudes accentuadas pelo que nelle havia de poderoso argumentador e de esplendido estylista.

Só mais tarde Carlos de Laet terá os louros a que faz pleno jús como genuino representante da cultura e da indole intellectual brasileira, pois sempre descuidou das formalidades que, facilitando uma apreciação de conjuncto, valorisam e consagram os escriptores: raros são os livros em que se reúnem trabalhos de sua lavra. Quasi toda a sua obra, tão vasta, tão complexa e brilhante, jaz dispersa na imprensa e em conferencias, tal como de jacto a produziu no calor do trabalho e do combate. Esse espirito agreste e dispersivo desattendeu systematicamente aos methodos communs. Por isso, descurou a publicidade organizada, que de algum modo se lhe antolharia subserviencia á gloria.

Nem por isso é menos elevado o conceito publico sobre a sua individualidade mental, pois, aos oitenta annos, após uma inexcedível actividade intellectual, elle era ainda um dos mais actuaes escriptores da literatura indigena.

8 de Dezembro de 1927.

"O GLOBO"

O fallecimento de Carlos de Laet vem cobrir de pesado luto toda a intelligencia brasileira, em cujas espheras mais altas o seu vulto venerando era acatado como o de um verdadeiro "leader", quer pelos fulgores do seu exuberante espirito, quer pela sua vastissima illustração de pensador, polygrapho e estylista do escol.

Durante mais de meio seculo a sua figura de elite pensante se projectou no scenario das letras brasileiras, da cathedra e do jornalismo, com a expressão superior de mestre incontestavel. Sobresaiu sempre, e com brilho e pujança inexcedidos, na polemica literaria e na jornalistica em que a sua penna era temida e respeitada como nenhuma outra na sua phase mais activa de labor fecundo e multimodo.

Como todo o trabalhador para a imprensa — que era o traço dominante das suas actividades mentaes — Carlos de Laet deixa um vastissimo acervo de produções dispersas, que, reunidas, dariam mais de uma centena de volumes valiosissimos e por onde melhor se lhe pudessem apreciar as louçanias do estylo, a correção invulgar da linguagem e a elevação dos pensamentos e das analyses.

Exercendo, tambem, o magisterio propriamente dito, muitas foram as gerações intellectuaes que lhe leberam os ensinamentos do alto da cadeira de professor do Collegio Pedro II, de onde foi director por alguns annos, ultimamente. Pertencendo á Academia Brasileira de Letras, de que foi um dos fundadores e um dos luminares, Laet tambem teve oportunidade de dirigir os destinos daquelle alto instituto, como seu presidente durante algum tempo.

De uma pasmosa capacidade de trabalho e de surpreendente mocidade de espirito em plenos oitenta annos de uma vida intensamente trabalhada, Carlos de Laet nunca deixou de escrever para a imprensa, sendo notaveis, das suas ultimas campanhas de saber, a que manteve contra a gestão Rocha Vaz no Departamento Nacional de Ensino e a de cunho eminentemente patriotico alimentada nos protestos e nos anathemas vibrantissimos aos desmandos do governo Arthur Bernardes. O seu ultimo artigo publicado, vindo á luz ainda no dia 2 do corrente mez, no "O Jornal", ensejou uma merecida transcripção de trechos no "Globo", por exprimir um alto grito da alma nacional contra o projecto de um monumento, em São Paulo, aos "que se bateram pela legalidade" bernardesca.

7 de Dezembro de 1927.

*EXTRAORDINARIAMENTE CONCORRIDO O ENTERRO DO LAPIDAR PROSADOR
ASPECTOS E TRANSES*

Muito antes das 16 horas, para quando estava marcado o saimento do corpo do illustre homem de letras conde Carlos de Laet, já era grande o numero de pessoas que se encontravam na casa da rua Candido Mendes n. 289, residencia do seu filho Dr. Mafra de Laet. A comprida fileira de automoveis se estendia pela referida rua, prolongando-se pela do Aqueducto, resultando dahi tornar-se quasi impossivel o trafego de bondes pelo citado local. No interior da residencia agglomerava-se grande numero de pessoas de destaque na sociedade carioca, representantes do mundo official e os expoentes maximos do mundo das letras. O clero estava presente, não só nas pessoas de seus representantes directos como tambem pelas directorias das associações catholicas desta capital. Todos compungidos lamentavam a perda de Carlos de Laet, espirito eminentemente culto e educado na escola das virtudes christãs. Na camara ardente, ao lado do corpo do extinto, choravam seus filhos e netos. Carlos de Laet fora um bom pae e exemplarissimo chefe de familia e a sua falta produzirá uma grande lacuna no seio dos seus parentes.

Pouco antes de ser encerrado o caixão, D. Sebastião Leme, arcebispo co-adjutor do Rio de Janeiro, acolytado pelos conegos Marinho, Mac Dowell e Joaquim Nabuco, encommendou o corpo. Scenas tristissimas occorreram pouco depois deste acto religioso. Os parentes do Dr. Carlos de Laet, inconsolaveis, não queriam abandonar aquelle que, em vida, foi sempre um modelo de virtudes. Passados esses transes dolorosos, a

urna funeraria foi encerrada e, em suas alças, seguraram os representantes do presidente da Republica e do ministro da Justiça, o procurador do Districto Federal, Dr. André Faria Pereira; o director do Departamento Nacional de Ensino, Dr. Aloysio de Castro; o presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Rodrigo Octavio, e o ministro Pires e Albuquerque.

Colocado o caixão no coche, este rodou pela rua Candido Mendes com destino ao cemiterio de São Francisco Xavier. Seguiam-se-lhe quatro carretas repletas de coroas e um grande numero de automoveis conduzindo todos aquelles que iam prestar a ultima homenagem ao distincto morto. Precedia o coche um *landaulet* conduzindo o conego Joaquim Nabuco, vigario de Santa Thereza.

As 16,30 horas, o corpo do Dr. Carlos de Laet, seguido de grande acompanhamento, chegou ao cemiterio de São Francisco Xavier. Ali, já era enorme o numero de pessoas que o aguardavam.

Pouco depois, seguro por diversos amigos, o caixão foi conduzido para o quadro n. 12 e sepultado no carneiro n. 4.148, junto do qual foram, então, prestadas as ultimas homenagens á memoria do eminente homem de letras.

“O Globo” — 2.ª edição — 8 de Dezembro de 1927.

“O IMPARCIAL”

Falleceu, hontem, ás 2 1/2 horas da tarde, na residencia do seu filho, Dr. Maíra de Laet, o professor e escriptor, Dr. Carlos de Laet, ex-director do Collegio Pedro II, e membro da Academia Brasileira de Letras.

Com sua morte perde o magisterio e o jornalismo uma de suas mais brilhantes figuras. Apesar de sua idade avançada, pois contava 80 annos, o professor Carlos de Laet até ha pouco exerceu sua brilhante actividade, quer na cathedra, como professor de portuguez, no Collegio Pedro II, quer no jornalismo, onde até ha dias trabalhou, collaborando para “O Jornal”, em artigos vibrantes.

Foi, talvez, na imprensa, que mais denodamente se affez a sua idole combativa e mordaz. Escrevendo escoreitamente a nossa lingua, de que era profundo conhecedor e possuindo a sua intelligencia uma extraordinaria propensão para a satyra, em annos e annos de actividade, foi com ellas que conquistou os innumerables leitores que possuia onde quer que escrevesse.

Catholico fervoroso, sempre esteve ao lado da Igreja Romana, á qual serviu com sinceridade, em cerca de 40 annos de lucta e polemica pela imprensa e pelo livro. Mereceu por isso ser agraciado com o titulo de Conde. Exercia tambem o logar de presidente do Circulo Catholico do Rio de Janeiro e foi antigo membro do Conselho Superior do Brasil, da Sociedade de S. Vicente de Paula.

Sua obra, quasi toda de critica e polemica litteraria e religiosa, acha-se dispersa em annaes, opusculos e em varias revistas scientificas e litterarias, afóra a sua intensa e profusa collaboração em varios dos mais importantes jornaes desta capital e de todo o paiz.

8 de Dezembro de 1927.

“FON-FON”

Depois de ter sido glorificado pela penna e pela palavra dos nossos maiores e melhores homens de letras, por ocasião do seu octagesimo anniversario, o conde Carlos de Laet poucas vezes sahia de casa. Parece que a homenagem excepcional, sincera, porque elle nada tinha que dar na sua angusta velhice, tocou profundamente as fibras do seu coração abalado pela idade. E, pouco tempo depois, o ancião descia ao tumulo.

Carlos de Laet foi um exemplo vivo e dignificador de nossa raça. Character inamolgavel, atravessou os decennios da Republica sem uma genuflexão aos poderosos e sempre combatendo os desmandos dos mesmos, com igual destemor no ultimo estado de sitio e nos primeiros dias da vida republicana.

Sabedor da lingua, estylista de pulso, orador fluente, era uma alta figura da nossa intellectualidade e honrava as corporações de que fazia parte, individualidade de relevo na congregação do Collegio Pedro II e na Academia, de que foi presidente, escondia na modestia de sua attitude discreta um valor incontestavel. E os medalhões reluzentes temiam as settas do seu espirito ironico.

Morreu Carlos de Laet, principe de jornalistas e escriptores, catholico fiel, monarchista intemerato; mas a memoria do seu nome não morrerá no coração de sua patria.

*
* * *

Os funeraes de Carlos de Laet, realizados na tarde do dia seguinte áquelle em que se extinguiu esse grande vulto do jornalismo e da literatura brasileira, tiveram a imponencia de uma homenagem excepcional á memoria do illustre extincto. Figuras de destaque nos nossos circulos intellectuaes e sociaes compareceram ao enterro do eminente homem de letras.

17 de Dezembro de 1927.

“GAZETA DE NOTICIAS”

A morte de Carlos de Laet, verificada hontem, nesta Capital, foi, sem duvida, uma grande perda, profundamente lamentavel, para as letras e para a sociedade brasileira. Desappareceu uma das mais altas figuras representativas da intellectualidade patricia. Se é certo que o vigor principal da sua forte mentalidade, empregou-o elle no professorado, como educador, não é menos certo que em varias outras manifestações de intelligencia coordenada em livro, é quasi nenhuma. A que elle deixou, dispersa, pelos jornaes, é, porém, immensa e valiosissima. De uma cultura séria e vasta, dispunha de inesgotaveis recursos para ser, como foi, um polemista de formidavel dialectica. Poucos o igualavam no rigor com que sabia escrever, sem deslises de linguagem. Era mestre do vernaculo, que manejava de modo impeccavel, como verdadeiro purista.

Pela ironia, fazia da penna uma arma de combate que, nas suas mãos, era temivel. Na imprensa diaria de outros tempos os seus artigos fizeram época e lhe deram uma notoriedade invejavel, entre os nossos publicistas.

Professor, Carlos de Laet, pelo saber, honrava o magisterio. Prestou, no ensino de varias gerações, grandes serviços ao paiz. Cidadão de virtudes pessoas respeitaveis, viveu para a familia educando-a no culto das virtudes em que formou o seu caracter. Era catholico sincero e militante. Pertencia á Academia Brasileira de Letras, em cujo seio era um dos vultos de maior destaque.

A noticia da sua morte circulou, hontem, ás primeiras horas da tarde, causando intenso pesar. A familia do illustre morto tem recebido muitas e expressivas condolencias.

8 de Dezembro de 1927.

“A PATRIA”

Falleceu, hontem, á tarde, o dr. Carlos de Laet, polemista dos mais audazes e temiveis e perfeito conhecedor do idioma patrio, que manejava com rara maestria.

Com o fallecimento do dr. Carlos de Laet, perde a Academia Brasileira de Letras um dos seus mais illustres membros.

8 de Dezembro de 1927.

“CORREIO DA MANHÃ”

Falleceu, hontem, á tarde, na residencia de seu filho, o doutor Joaquim Mafra de Laet, á rua Candido Mendes n. 289, o escriptor Carlos de Laet, que a 2 do corrente completára oitenta annos. A noticia foi recebida com surpresa, portanto poucos o sabiam enfermo, tendo-se recolhido ao leito, ha dias.

8 de Dezembro de 1927.

“O PAIZ”

Victimado por uremia, falleceu hontem nesta capital o eminente escriptor Dr. Carlos de Laet, membro da Academia de Letras, e que ha pouco completára 80 annos de idade.

8 de Dezembro de 1927.



ULTIMO ARTIGO DE
CARLOS DE LAET

DIVISÃO NACIONAL

URGE IMPEDIL-A, COMO ALIA'S PATRIOTICAMENTE JA' DISSE O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA,
DESFAZENDO TODO OS RANCORES ENTRE
BRASILEIROS

CARLOS DE LAET

(Da Academia Brasileira de Letras)

(Para O JORNAL)

Apparece agora em S. Paulo a infelicissima idéa de consubstanciar em faustoso monumento publico a victoria dos legalistas sobre aquelles dos seus compatriotas que, obedecendo a suggestões diversas, acreditaram servir a verdadeira causa nacional com a deposição do governo, que, note-se bem, já não era mais a republica, mas outra forma dictatorial, essencialmente distincta.

Tal pensamento não merece apenas o labéo de anti-patriotico: elle faz jús á qualificação de perfeitamente estúpido. Todos sabem que, tanto quanto possivel, procuro evitar os termos duros e aggressivos contra aquelles a quem dou combate; mas em verdade não é possivel adjectivar de outro modo uma idéa que se encaminha á producção de um effeito completamente adverso ao visado pelo sr. presidente da Republica no discurso com que respondeu ao sr. Mangabeira.

Quando ainda fremente se abateram as armas dos grupos desesperadamente rebeldes que tamanhas provas deram da sua indomita energia, conflagrando o paiz nas diversas direcções das suas correrias, é realmente de espantar que um pugillo de estolidas vaidades pretenda erigir na capital do Estado de S. Paulo, isto é, no campo de batalha ainda empapado pelo sangue dos combatentes, um monumento, uma perenne recordação dessas ltuosas scenas que durante tanto tempo confrangeram os espiritos serenos e exacerbaram as paixões politicas.

Que viriam dizer os bronzes e marmores aos contemporaneos da horrivel luta civil?

— Fei aqui, explicaria aiguem, que dentro do lar domestico, batido pela poderosa artilharia dos vencedores, succumbiu debaixo dos scossobros parte da minha familia. Daqui partiu o resto, refugio, desprovido de meios, a supplicar, por onde passava, o auxilio dos transeuntes compassivos. Nesse tremendo pugilato dos canhões fomos derrotados e esmagados.

Eis a brutalidade que se quer perpetuar numa obra d'arte, para nossa eterna vergonha!

Por outro lado não vale negar que entre os valerosos defensores do governo eram innumeros os que, reconhecendo a triste necessidade das durezas da luta, todavia as deploraram, tentando minoral-as. Como disfarçar no espirito desses lutadores generosos o horror que lhes causaria reavivarem-se triumphos de tal natureza e calcar em cicatrizes ainda tão recentes?

Por todos esses motivos entre os Romanos, que tão asperos sempre se mostraram para com os outros povos vencidos, grande esplendor assumiam as festas em que eram celebradas victorias sobre estrangeiros. Com o seu admiravel tino juridico perceberam os homens de Roma que elles não podiam engalanar de palmas e coroas civicas os lamentaveis successos em que a Cidade Eterna, para suffocar uma rebellião, se tinha ferido a si propria.

VALIOSOS TESTEMUNHOS HISTORICOS EM TAL SENTIDO

Em sua Historia Romana o consciencioso V. Durny, ao expôr a crescente influencia politica de Cesar, faz notar o seguinte:

“Elle celebrou quatro triumphos ao entrar na cidade: sobre os Gaulezes, o Egypto, Pharnaces e Juba. Nem Pharsalia, nem Thapsus foram lembrados. Entre os prisioneiros nem um Romano, mas a irmã de Cleopatra, o filho de Juba, o generalissimo gaulez que os triumvirios aguardavam no Tulliano para o degollarem. Nada recordava Pompeu...”

Mas não é preciso que a Roma nos remontemos para se nos offerecerem eloquentes testemunhos de um verdadeiro e sadio nacionalismo, superior ás injuncções mesquinhas e trefegas da actualidade.

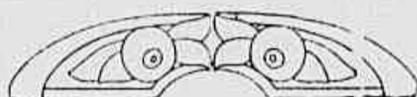
Em nosso paiz quando ali o Segundo Reinado aceitou formidavel duello com o republicanismo riograndense, debellados completamente os chamados “Farrapos”, não havia na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul figura de maior força moral que a do glorioso duque de Caxias. Desinteressado e imparcial, elle sabia combater, mas não entendia o que fosse humilhar contendores seus compatriotas. Nestas circumstancias, logo surgiu a idéa de festejar o triumpho da legalidade com um grande “Te-Deum” em Porto Alegre; mas a isto prompta e nobremente se oppoz o vencedor.

Nossos canticos de triumpho, disse Caxias, em todo o caso iriam remorder paixões e resentimentos dos vencidos. O que se deve celebrar é uma missa em que, coirmnados, todos os brasileiros possam chorar os amigos que perderam e pedir a Deus o acabamento das guerras civis.

Realmente assim se fez, nenhum melindre foi sequer de leve offendido pelas demonstrações dos legalistas.

Tal o exemplo que proponho ao sr. presidente da Republica, para dissuadir a s. ex. da tentação de corresponder aos desejos dos que á confraternização lealmente effectuada preferem as frioleiras e exhibições do triumpho legalista.

2 de Dezembro de 1927.



EXPEDIENTE

| | |
|---------------------|--------|
| Numero avulso | 3\$000 |
| atrazado | 5\$000 |

ASSIGNATURAS

Capital :

| | |
|------------|---------|
| Anno | 30\$000 |
|------------|---------|

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida ao seu director e editor

A. NOVAES

Rua Jockey Club, 339

Districto Federal

O ADEUS

DA

ACADEMIA



O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Rodrigo Octavio, proferindo, no Cemiterio de São Francisco Xavier, o discurso official



MOVIMENTO DAS IDÉAS

(ARTES & SCIENCIAS)

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTORES

MARIO JOSÉ DE ALMEIDA

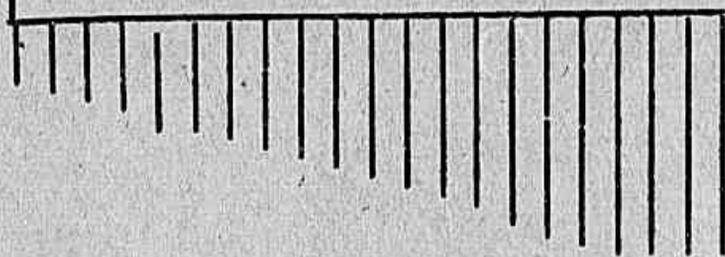
E

CELSO PENNAFIEL

EDITOR

A. NOVAES

Apparecerá



em

julho proximo

Braggio & Reis
Avenida Mem de Sá, 295
Rio de Janeiro
1208